

HELENA SANTEIRO DO VAL

**Invasão ao Iraque – um estudo das coberturas
das revistas Veja e Carta Capital**

Mestrado em Ciências Sociais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais

Mestrado em Ciências Sociais

Helena Santeiro do Val

**Invasão ao Iraque – um estudo das coberturas
das revistas Veja e Carta Capital**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de Mestre em Ciências Sociais -
Política, sob a orientação da Professora
Doutora Vera Lúcia Michalany Chaia

São Paulo, março de 2007

Banca Examinadora

São Paulo, março de 2007

Agradecimentos

Ao CNPQ pelo apoio e incentivo à pesquisa.

À minha orientadora Vera Chaia que me acompanhou em cada fase desta dissertação.

Resumo

Esta dissertação tem como objeto de estudo a invasão norte-americana ao Iraque e a cobertura dada ao tema pelas revistas de tiragem nacional *Veja* e *Carta Capital*, de janeiro de 2003 a fevereiro de 2005, a partir de uma planilha de classificação das matérias e transcrição dos textos. O presente trabalho pretende mostrar a relevância da invasão para a ciência política, analisar a transmissão de informações no Brasil através de sua mídia, e distinguir as visões de mundo dos meios analisados. Este projeto irá averiguar se existe um posicionamento das revistas estudadas, quais são eles e debater as possibilidades de influência na compreensão do leitor. A partir da invasão ao Iraque podemos também entender o papel de potência dos Estados Unidos no mundo de hoje, que está reconfigurando a ordem global.

Abstract

This dissertation has as object of study the north-american invasion to Irak and the covering of the theme by the magazines of national circulation *Veja* and *Carta Capital*, from january of 2003 to february of 2005, with the use of a table to classify the news d transcription of the texts. The present work pretends to show the relevance of the invasion to the political sciences, analyse the transmission of information in Brazil through its midia, and distinguish the world visions of the analysed means. This project will inquirer if there is a positioning of the studied magazines, wich are they and debate the possibilities of influency in the reader comprehension. From the invasion of Irak we can also understand the role of potency of United States in the world today, wich is reconfiguring the global order.

Sumário

INTRODUÇÃO	07
a) A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA	07
b) OS EUA PÓS 11 DE SETEMBRO	11
c) METODOLOGIA	17
CAPÍTULO 1. A GUERRA DO GOLFO	21
1.1 O ORIENTALISMO NORTE-AMERICANO	21
1.2 A CRISE DO GOLFO E A INTERVENÇÃO DOS EUA	24
1.3 A GUERRA DO GOLFO E A MÍDIA NORTE-AMERICANA	26
CAPÍTULO 2. O RETORNO DO “MAL”	30
2.1 OS ATENTADOS DE 11/09/2001	30
2.2 A VITIMIZAÇÃO E ORIENTALISMO NA MÍDIA	34
2.3 A MÍDIA BRASILEIRA	36
CAPÍTULO 3. A INVASÃO AO IRAQUE E A MÍDIA	42
3.1 ARMAS DE DESTRUIÇÃO EM MASSA	45
3.2 A INVASÃO	51
3.3 AS MORTES	56
3.4 A CAPTURA DE SADDAM	59
3.5 ATENTADOS DE 11 DE MARÇO	61
3.6 ATAQUE EM FALLUJA	66
3.7 TORTURA EM ABU GHRAIB	68
3.8 O GOVERNO PROVISÓRIO	72
3.9 AS ELEIÇÕES NORTE-AMERICANAS	74
3.10 AS ELEIÇÕES IRAQUIANAS	79
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	84
ANEXOS	87

Introdução

“Não se pode libertar um povo sob a mira de uma baioneta.”

O império do medo – guerra, terrorismo e democracia

Benjamin R. Barber

a) A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA

Este projeto tem como objeto de estudo a invasão norte-americana ao Iraque e a cobertura dada ao tema pela mídia brasileira, em especial as revistas *Veja* e *Carta Capital*. Hoje em dia a mídia exerce grande influência na vida em sociedade, é a partir dos temas pautados na televisão, rádio, jornais e revistas, que a população forma sua opinião a respeito de assuntos diversos, que vão desde críticas de cinema ou novelas, até questões políticas, como o desempenho de um governo, ou de relevância mundial, como o 11 de setembro de 2001. Por isso é importante entender e analisar a forma como as notícias são passadas, pois através delas muitas pessoas tomam conhecimento dos fatos e possivelmente formam um conceito, baseado em suas convicções pessoais e em seu histórico cultural, social, político e econômico. Os estudos da mídia permitem verificarmos se existe ou não parcialidade nos meios, quais as correntes de pensamento ou se existe um pensamento dominante que determina os principais temas a serem abordados e como estes são tratados por seus profissionais.

Segundo John B. Thompson, no mundo midiaticizado em que vivemos hoje, os meios de comunicação substituem relações que antigamente eram face-a-face e de duas mãos, por uma relação de mão única, uma quase-interação. Nossa experiência do real passa a ser mediada pelos meios de comunicação, e através deles vivenciamos fatos que ocorreram em nossa cidade, país, ou em qualquer outro lugar do mundo. Podemos tomar como exemplo os atentados ao *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001: em várias partes do mundo foi possível ver em tempo real o que estava acontecendo e vivenciar o fato juntamente com milhões de pessoas. Sem a mídia e sua tecnologia, isso não seria possível. Mas será que essa vivência midiaticizada substitui realmente a vivência real? Quais são as consequências dessa vivência “virtual”? Será que nos tornamos cada vez mais insensíveis à guerra e à vida devido à banalização da violência com a superexposição dada pela mídia? Será que a espetacularização da política interfere em nossa compreensão dos fatos?

Thompson alerta que devemos ficar atentos para os aspectos negativos dos meios, como a introdução de mensagens ideológicas, a dependência midiática, a sobrecarga simbólica, entre outros.

Apesar da enorme presença da mídia em nossas vidas, os meios de comunicação não manipulam os seres humanos como se fossem uma espécie de recipiente vazio à espera de alguém que determine seu conteúdo. A mídia constrói uma imagem da realidade e por isso tende a influenciar o modo como os indivíduos entendem o mundo em que vivem. Nem todos são influenciados, e os que são, podem ter graus diferentes de captação das mensagens. Em casos extremos, se os meios de comunicação trabalharem em conjunto de forma sistemática e repetitiva existe uma chance maior de manipulação.

“O público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios”.¹

A recepção, portanto, é um processo ativo que depende do contexto social e cultural de cada indivíduo, ou seja, todos nós somos influenciados pelo que diz a mídia, porém alguns mais (absorvendo tudo o que é transmitido) e outros menos (absorvendo os fatos e formando uma opinião pessoal a respeito).

“Os mídia constituem o vínculo principal entre a cidadania e o processo político, cumprindo um importante papel na representação e interpretação dos fatos, instituições e processos da vida de uma sociedade”.²

No livro *Teorias da comunicação*, Mauro Wolf (1995) apresenta três tipos de efeitos produzidos pelos meios de comunicação de massa. O primeiro é a acumulação, o poder dos meios para determinar a importância de um tema e mantê-lo ativo, principalmente através da repetição. O segundo é a consonância, que revela a padronização dos meios de comunicação. E o terceiro é a onipresença, uma vez que os meios ajudam a influenciar a opinião pública, o conhecimento transmitido é comum e não parte de um processo cognitivo individual.

O processo de construção de uma notícia também influencia o leitor, pois através desses critérios, desconhecidos para o indivíduo, é que se decide o que é ou não notícia.

¹ Kellner, Douglas, *A cultura da mídia*. P. 11.

² Porto, Mauro, *A crise de confiança na política e suas instituições: os mídia e a legitimidade na democracia*. P. 29.

Portanto, ao mesmo tempo em que a mídia ajuda a informar, também colabora para a desinformação. Através do *agenda-setting* e dos *gatekeepers* * alguns temas são deixados de lado, para que outros sejam destacados. A agenda é construída a partir de algumas etapas, como: focalização, importância dada pelos meios a um evento, grupo ou pessoa; *framing*, enquadramento, escolha da interpretação dada ao evento, grupo ou pessoa; ligação entre o acontecimento e um sistema simbólico, inserindo o evento, grupo ou pessoa em um contexto social e político; transformação dos indivíduos em porta-vozes, a assimilação do público, que passa a comentar o que foi noticiado.

O caráter ambíguo da mídia, no entanto, é imanente a sua forma. Com a globalização vários temas mundiais substituem os locais, e vice-versa, pois a gama de notícias se amplia a cada dia. Os profissionais e agências de comunicação precisam saber da importância que desempenham na sociedade e fazer seu trabalho de forma responsável, afinal a neutralidade absoluta não existe, todos temos opiniões formadas a respeito de inúmeros assuntos. Portanto apesar da isenção ser uma utopia nos meios de comunicação, ela pode estar presente como meta a ser atingida.

Exigir a imparcialidade nos meios não significa ser contra jornais ou revistas com posicionamentos ideológicos, mas desde que isso também seja feito de maneira responsável. O meio deve declarar claramente sua posição, procurar ouvir todos os lados envolvidos, e evitar a desinformação, principalmente ao tratar de temas contrários aos seus ideais.

Através deste estudo pretendo mostrar a relevância da invasão norte-americana ao Iraque para a ciência política e também analisar a transmissão de informações e observar as visões de mundo que cada um dos meios estudados possui.

“O melhor modo de desenvolver teorias sobre a mídia e cultura é mediante estudos específicos dos fenômenos concretos contextualizados nas vicissitudes da sociedade e da história contemporâneas. Portanto, para interrogar de modo crítico a cultura contemporânea da mídia é preciso realizar estudos do modo como a

* Hipótese do *agenda-setting*: idéia de que a base de conhecimento e formação da realidade social dos indivíduos é influenciada pelos dos meios de comunicação; a vivência dos acontecimentos do mundo se dá através dos meios de informação e a vivência pessoal é cada vez menor; a mídia constrói uma imagem da realidade para o público, que pode ou não influenciar o indivíduo a partir de seus interesses e experiências pessoais. Ver Mauro Wolf, *Teorias da comunicação*.

indústria cultural cria produtos específicos que reproduzem os discursos sociais encravados nos conflitos e nas lutas fundamentais da época”.³

Somente através de exemplos concretos poderemos compreender o processo de transmissão de notícias e averiguar o posicionamento dos meios de comunicação. Além disso a invasão ao Iraque deve ser estudada para entendermos melhor as disputas que estão em curso atualmente e que estão reconfigurando a ordem global.

Esta dissertação tem os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar as revistas de tiragem nacional *Veja* e *Carta Capital*, a partir de um fato de relevância mundial, a invasão ao Iraque;
- b) Averiguar se existe um posicionamento das revistas estudadas e quais são eles;
- c) Sistematizar como a mídia transmite as notícias para a população através da criação de uma planilha de análise de conteúdo das matérias;
- d) Entender o significado e as conseqüências dos atentados de 11/09/2001 aos EUA;
- e) Compreender o papel dos EUA no mundo de hoje enquanto potência.

A revista *Veja* surgiu em setembro de 1968 na Editora Abril, parte do Grupo Abril, que é hoje um dos maiores conglomerados de mídia no Brasil e na América Latina. Segundo Venceslau Alves de Souza (2003), em *A defesa incondicional do liberalismo radical em Veja*, a revista era em 2003 – ano em que se inicia a invasão ao Iraque - o semanário com maior vendagem no país, com uma saída de 1,2 milhões de exemplares. O autor conclui em sua pesquisa que a *Veja* é um instrumento ideológico que representa os interesses de sua corporação e que faz uma apologia clara ao liberalismo radical e ao modelo vigente. A *Veja*, inicialmente, possuía um caráter mais político, mas hoje em dia se transformou em uma revista de variedades, com uma maior quantidade de matérias sobre comportamento, saúde, celebridades, etc.

Mino Carta, hoje atual editor-chefe da *Carta Capital*, foi chamado pela Editora Abril para criar a *Veja*. Anteriormente Carta já havia dirigido a revista *Quatro Rodas* (também da Abril), um suplemento de esportes para o jornal *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*.

Gatekeepers: zonas que atuam como filtros no processo de construção de uma notícia através de controle da seleção; pessoa ou grupo de selecionadores que tem o poder de decidir qual evento vira ou não notícia. Ver Mauro Wolf, *Teorias da comunicação*.

Em 1976, devido ao regime militar vivido no Brasil, Mino Carta teve problemas com a censura. O próprio jornalista declara que o ministro da justiça havia pedido sua saída da revista. Devido a estes problemas políticos, Carta saiu da Veja e fundou a revista Isto É, e um jornal diário, sem fins lucrativos, intitulado A República, que sem apoio deixou de existir rapidamente. Em 1993 deixou a Isto É para criar, um ano depois, a Carta Capital.

Mino Carta, na verdade Demétrio Carta, é conhecido por sua postura crítica à mídia brasileira. O jornalista acredita que nossa imprensa sempre teve uma ligação muito próxima com o poder, e pretende mudar isto com sua publicação através de um objetivo ético, ou seja, uma obrigação com os leitores e não com a elite ou os governantes.

A Carta Capital iniciou com edições mensais, em 1996 passou a ser quinzenal e, em 2001, semanal. Em 2003, a tiragem da revista era de 65 mil exemplares. Os principais temas trabalhados na Carta Capital são política, economia e cultura. Segundo o site do Canal da Imprensa, enquanto a Veja destina 50% de seu espaço para publicidade, a Carta Capital destina apenas 20%.

b) OS EUA PÓS 11 DE SETEMBRO

A invasão ao Iraque é um tema de grande relevância atual, para os EUA e para a política internacional, pois traz a tona a questão da hegemonia norte-americana. Segundo Michael Hardt e Antonio Negri (2002), no livro *Império*, os EUA já despontavam desde a Guerra do Golfo com uma nova forma, a de império. Os autores, no entanto alertam para a diferença entre império e imperialismo, pois o primeiro não possui um limite territorial de poder, o império não tem fronteiras; enquanto o imperialismo defende e reforça seu espaço e afirma uma identidade pura e não híbrida. Para Hardt e Negri o império “é um aparelho de *descentralização* e *desterritorialização* do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão”.⁴ Portanto, o império não se apresenta como transitório e sim como atemporal.

³ Kellner, Douglas, *A cultura da mídia*. P. 12.

⁴ Hardt, Michael e Negri, Antonio, *Império*. P. 12

“O Império exaure o tempo histórico, suspende a História, e convoca o passado e o futuro para dentro de sua própria ordem ética. Em outras palavras, o Império apresenta sua ordem como algo permanente, eterno e necessário”.⁵

O que se pode constatar é que depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 o governo norte-americano mudou sua postura de segurança, instalando um novo sistema definido pelas “ações preventivas”. Esta nova forma de defesa justifica ataques e acusações a nações e pessoas que ainda não fizeram nada, mas que teriam potencial para quebrar a paz e a ordem impostas pelos EUA. Esta postura pode ser claramente identificada na fala do secretário de defesa norte-americano, Donald Rumsfeld, em 31 de janeiro de 2002:

“A defesa dos Estados Unidos requer prevenção, autodefesa e em certos casos a iniciativa de ação. Defender-se contra o terrorismo e outras ameaças emergentes do século XXI pode perfeitamente exigir que se leve adiante uma guerra em território inimigo. Em certos casos, a única defesa é uma boa ofensiva”.⁶

Esta preocupação excessiva com a segurança interna aumentou depois dos atentados de 11 de setembro, mas não podemos dizer que ela não existia anteriormente. Os EUA sempre foram um país que se dedicou muito à segurança de sua população, o que fez com que o sociólogo Barry Glassner (2003) caracterizasse esta conduta como “cultura do medo”, a partir da qual governantes (principalmente os conservadores) e meios de comunicação incentivam as pessoas a se vigiarem constantemente. Benjamin Barber (2005) também destaca o medo como elemento importante nos Estados Unidos, em seu livro *O império do medo*. Segundo ele a idéia de guerra preventiva está baseada no medo: precisamos nos proteger de algo que pode ou não acontecer; e este não é um método eficaz ou democrático para combater o terrorismo.

“A guerra preventiva não impedirá o terrorismo; somente a democracia preventiva é capaz de fazê-lo.”⁷

“A doutrina da guerra preventiva (...), embora tenha alcançado audaciosas vitórias a curto prazo, é potencialmente catastrófica para os Estados Unidos, assim como para o resto do mundo.”⁸

O neoconservadorismo, resgatado pelo presidente George W. Bush, defende que os valores norte-americanos são exemplares e devem ser seguidos por todos. Os *neocons*,

⁵ Idem. P. 29

⁶ Gorce, Paul-Marie de la, *Nuevo concepto: guerra preventiva*, IN Fuente, Victor Hugo de la (org.), *El imperio contra Irak – una guerra para la dominación*. P. 12.

⁷ Barber, Benjamin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. P. 48.

⁸ Idem. P. 63.

como são chamados seus seguidores, não se preocupam somente com a sociedade e sua moral, e sim com o poder norte-americano como único modelo universal e transformador.

“O neoconservadorismo é uma escola de pensamento cujas origens remontam à década de 60. Seus seguidores acreditam no valor universal do modelo democrático americano, são contrários à estratégia de dissuasão e à postura isolacionista. Partidários de um ativismo inequívoco dos Estados Unidos em relação aos outros países, os neoconservadores criticam o relativismo cultural e moral em nome de uma exaltação quase religiosa dos valores americanos.”⁹

O combate ao terrorismo veio de encontro com as necessidades unilaterais dos *neocons* de “exportar” sua democracia para outros países e desarmar os considerados inimigos.

“A administração Bush comprometeu-se publicamente com a democratização. Mas acreditar que a exportação do McMundo [nome que se dá à sedutora mistura de comercialismo americano, consumismo americano e produtos americanos que tem dominado o processo de globalização] e a globalização do mercado significam formar sociedades livres e um mundo democrático constitui erro perigoso suscetível de prejudicar as estratégias prospectivas da construção de nações.”¹⁰

Podemos perceber estas características da doutrina neoconservadora nos discursos do presidente George W. Bush:

“Estamos participando de uma luta mundial contra os seguidores de uma ideologia assassina que despreza a liberdade, elimina toda oposição, tem ambições territoriais e objetivos totalitários. (...) E contra tal inimigo, só existe uma resposta eficaz: nunca retrocederemos, nunca cederemos e nunca aceitaremos nada menos que a vitória total. (...) Venceremos os terroristas e sua ideologia do ódio ao propagar a esperança da liberdade em todo o mundo. (...) A segurança de nossa nação depende do avanço da liberdade em outras nações”.¹¹

O maior representante dos neoconservadores no governo de George W. Bush é Paul Wolfowitz, hoje atual presidente do Banco Mundial, mas que teve papel fundamental na invasão ao Iraque quando era subsecretário da Defesa. Wolfowitz defende que os Estados Unidos devem ter poder e permissão para controlar os outros países, pois acredita plenamente na supremacia norte-americana. Além disso há também o vice-presidente Dick Cheney, o ex-secretário de Defesa Donald Rumsfeld e o ex-secretário de Justiça John

⁹ Souto, Fhoutine Marie Reis, *Eleições norte-americanas 2004: o neoconservadorismo e a cobertura de O Estado de S. Paulo*. P. 23.

¹⁰ Barber, Benjamin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. P. 194.

¹¹ Bush, George W., discurso de 04/07/2006, IN www.whitehouse.com

Ashcroft. Este grupo ajudou a desenvolver o *Patriotic Act* (Ato Patriótico) ^{**} e implantar as guerras preventivas no Afeganistão e Iraque.

A guerra preventiva é algo previsto no Direito Internacional como uma postura de autodefesa, com base em uma ameaça real. A teoria da *Pax Americana*, que prega a hegemonia dos EUA, defende que a partir de qualquer sinal de ameaça externa à sua soberania em território nacional, o país pode ir à guerra. ^{***}

Devemos, no entanto, lembrar que os EUA apoiaram Saddam Hussein quando lhes convinha, na Guerra Irã X Iraque, como relembra Barber:

“(...) numa época em que nossa inimizade com o Irã tornou o inimigo do nosso inimigo (Iraque) nosso amigo.” ¹²

Mas os interesses norte-americanos mudaram. Saddam foi tratado como um ditador assassino, o grande inimigo global, condenado a morte e enforcado em dezembro de 2006. Qual seria realmente o objetivo desta invasão? Seria libertar a população iraquiana do governo de Saddam Hussein? Seria o petróleo, tão falado pelos opositoristas ao governo Bush? Seria uma obrigação filial? Ou seria uma batalha ética do Bem contra o Mal?

Noam Chomsky, em 1998, ao ser perguntado sobre a “crise no Iraque” (quando o presidente Bill Clinton bombardeou o país), disse:

“Por que os Estados Unidos e a Inglaterra estão bombardeando o Iraque e insistindo em manter as sanções? (...) Essa resposta é: Saddam Hussein é realmente um monstro. Até cometeu o ‘supremo’ horror, isto é, mandou para a câmara de gás seu próprio povo. (...) Sempre que algo é dado como quase unanimidade deveria ser um sinal. (...) A pergunta óbvia é: como os Estados Unidos e a Inglaterra reagiram quando Saddam Hussein cometeu aquele ‘supremo’ horror – que é mandar para a câmara de gás toda a cidade curda de Halabja, em março de 1988? A resposta é muito simples. Eles reagiram continuando e de fato

^{**} Documento que restringia algumas liberdades civis para facilitar a descoberta de ações terroristas ou pessoas ligadas a estes movimentos, com base na mesma justificativa da guerra preventiva.

^{***} Para uma análise mais profunda sobre guerra preventiva e *Pax Americana* ver: Barber, Benjamin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. Neste livro Barber critica a guerra preventiva e a postura de “agente da democratização” adotada pelo governo Bush. Em contra partida às ações unilaterais dos EUA o autor defende a “democracia preventiva”, que seria a melhor forma de assegurar a integridade nacional sem ameaçar liberdades e dentro da lei. “A democracia preventiva pressupõe que a única defesa a longo prazo para os Estados Unidos (assim como para as demais nações do mundo) contra a anarquia, o terrorismo e a violência é a própria democracia: democracia no plano interno das nações e democracia nas convenções, instituições e regulamentos que governam as relações entre as nações, sejam multilaterais ou bilaterais.” (p.170)

¹² Barber, Benjamin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. P. 162.

intensificando seu forte apoio a Saddam Hussein. Isso lhe diz alguma coisa imediatamente: então esta questão da câmara de gás não pode ser a razão para a crise do Iraque”.¹³

Assim como talvez a batalha antiterrorismo e as armas de destruição em massa não sejam a razão para o novo confronto com Saddam. Hans Blix (2004), diretor da Comissão de Inspeção, Verificação e Monitoramento das Nações Unidas, responsável pela busca por armas de destruição em massa no Iraque, declarou que a visita dos inspetores foi bem sucedida e não havia motivo para a invasão.

“Enquanto os inspetores identificaram mísseis que de certa forma excediam o alcance permitido e supervisionaram sua destruição, não encontraram quaisquer armas que não tivessem sido relatadas, nem explicações verossímeis para a ausência delas.”¹⁴

Com o início das ameaças de guerra surge também um aparato de informações para “conscientizar” a população e as agências de notícias da necessidade da guerra.

“Em tempos de guerra, quando todo recurso é bom para mobilizar a população, a manipulação de informação se transforma em moeda corrente, seja pela difusão de verdades aos meios, ou de mentiras, trabalhando por omissão ou propagando rumores não verificáveis. (...) A desinformação tem suas regras: a crise anterior ao conflito deve ser levada ao seu paroxismo; o Estado inimigo, endemoninhado, e seu líder apresentado como um ser fundamentalmente malvado...”¹⁵

Durante a cobertura da invasão ao Iraque em 2003 um posicionamento pró-EUA esteve presente em grande parte dos meios, principalmente nos norte-americanos.

“(…) Parece haver uma tendência de crescimento dentro dos Estados Unidos de uma imprensa mais alinhada com o pensamento neoconservador.”¹⁶

“Não temos censura neste país [EUA]; ainda é possível encontrar pontos de vista diferentes. Mas temos um sistema no qual as maiores empresas de comunicação têm fortes incentivos para apresentar notícias de um modo que agrade ao partido que está no poder – e nenhum incentivo para deixar de fazê-lo.”¹⁷

“No caso da ‘segunda guerra do Iraque’ (que tampouco deveria ser qualificada como guerra), toda a vez que alguém falava em Saddam Hussein, logo acrescentava o termo ‘ditador’. (...) Só que ninguém fazia questão de lembrar que George Bush é fraudador de urnas e fanático religioso protestante, envolvido até o pescoço em

¹³ Chomsky, Noam, *Propaganda e consciência popular*. P.53/54.

¹⁴ Blix, Hans, *Desarmando o Iraque*. P. 29.

¹⁵ Rouleau, Eric, *La propaganda guerrera y sus fallas*, IN Fuente, Victor Hugo de la (org.), *El imperio contra Irak – una guerra para la dominación*. P. 19.

¹⁶ Souto, Fhoutine Marie Reis, *Eleições norte-americanas 2004: o neoconservadorismo e a cobertura de O Estado de S. Paulo*. P. 35.

¹⁷ Krugman, Paul, *A desintegração americana*. P. 498.

escândalos de corrupção. (...) E ninguém lembrava que o seu governo promove a perseguição de qualquer cidadão que ouse contestá-lo”.¹⁸

Além disso a cobertura trouxe alguns elementos novos, como o jornalista *embedded*, ou seja, o jornalista embutido, incorporado, aos exércitos britânicos e norte-americanos. Segundo José Arbex (2003) este novo tipo surge devido às exigências feitas pelo exército dos EUA aos repórteres que iam acompanhar a invasão. Tudo o que fosse ser publicado ou gravado necessitava de uma autorização das forças armadas, deixando os jornalistas sem nenhuma liberdade, além de criar uma aproximação entre as tropas e os jornalistas. Isto significa que as informações transmitidas passavam por uma certa censura, comprometendo sua veracidade. Além disso, algumas empresas de comunicação, como a CNN, criaram uma política interna de aprovação das matérias (*script approval*), através da qual os textos originais deveriam passar por uma avaliação de algum burocrata responsável.

“O caso mais notório e mais criticado dessa cobertura foi a contaminação da mídia norte-americana pelo espírito de patriotismo que invade o país desde 11 de setembro. Logo a imprensa norte-americana outrora independente, berço dos princípios de jornalismo que conhecemos e modelo de alguns de nossos jornais. O perigo é justamente esse: a mídia brasileira e a latino-americana se espelham na imprensa anglo-americana, precisamente aquela que foi à guerra; por isso é fundamental discutirmos suas falhas e fragilidades, que ficaram, com esse conflito, mais evidentes do que nunca, e analisarmos se devemos continuar nos pautando pelos seus critérios.”¹⁹

A maior parte das matérias publicadas no Brasil vinha de agências internacionais, pois apenas um meio de comunicação, a Folha de S. Paulo, enviou repórteres brasileiros. As agências de notícias ocupam hoje em dia um papel importantíssimo, pois através delas pode-se obter informações do mundo todo com um custo baixo, mas existe uma grande diferença entre obter informações de um enviado e de uma agência internacional. Estas instituições funcionam como uma fábrica, pois produzem notícias em grande escala através de um procedimento automatizado de seleção de informações. O problema destas empresas pode estar justamente na transformação de informação em mercadoria.

c) METODOLOGIA

¹⁸ Arbex, José, *A guerra e o espetáculo da cobertura* IN www.observatoriodaimprensa.com.br.

¹⁹ Goyzueta, Verônica, *Jornalismo na guerra: nossas falhas em evidência*, IN *Guerra e imprensa*. P. 51.

O período de análise desta pesquisa realizada a partir das revistas Veja e Carta Capital foi de janeiro de 2003 a fevereiro de 2005, ou seja, a partir de quando os EUA começam a mencionar um possível ataque ao Iraque e pressionar a ONU para fazer uma inspeção em busca de armas de destruição em massa até as eleições de um novo líder, apoiado pelos Estados Unidos e Inglaterra. A partir desta análise foi possível diferenciar as linhas editoriais de cada revista, e distinguir as visões de mundo e ideologias que são passadas para os leitores.

Foi desenvolvida uma planilha para qualificar as matérias, na qual consta a revista, a data e número da edição, a quantidade de páginas da matéria, o tema e a manchete (ver anexo). Depois destes tópicos há um quadro de avaliação da cobertura da invasão ao Iraque, para definirmos a valência da matéria *** e compreendermos o posicionamento da revista:

- a) Positiva – EUA e/ou George W. Bush: matéria favorável ao presidente norte-americano, seu governo, ou à invasão;
- b) Positiva – Iraque e/ou Saddam Hussein: matéria favorável ao ex-presidente iraquiano, seu governo, ou à resistência;
- c) Negativa - EUA e/ou George W. Bush: matéria com críticas, ataques ou comentários desfavoráveis ao presidente norte-americano, seu governo, ou à invasão;
- d) Negativa - Iraque e/ou Saddam Hussein: matéria com críticas, ataques ou comentários desfavoráveis ao ex-presidente iraquiano, seu governo, ou à resistência;
- e) Neutra – matéria sem avaliação moral de Bush ou Saddam ou da invasão, normalmente matérias com dados e estatísticas sobre a guerra.

As fotos e ilustrações serão quantificadas e analisadas pelas valências acima.

Na planilha também existe um espaço para verificar os recursos utilizados em cada matéria, como: “só texto”, “entrevistas”, “depoimentos”, “fotos/ilustrações”, “gráficos” e “quadros complementares”.

A partir da metodologia de pesquisa citada pude verificar como a invasão ao Iraque foi noticiada aos brasileiros, e confrontar as diferenças de cada meio. Ao todo foram 115

edições de cada revista, mais de 700 páginas relacionadas ao tema, 10 capas da Veja e 6 capas da Carta Capital.

O primeiro capítulo apresenta uma breve análise da Guerra do Golfo, conflito em que os dois países envolvidos na invasão de 2003 já haviam se enfrentado, e da cobertura da mídia norte-americana. Para iniciar a análise foi introduzido o conceito de orientalismo, trabalhado por Edward Said, que afirma que o Oriente é uma invenção do Ocidente, e é constantemente utilizado em estudos que reforçam a dominação do primeiro pelo segundo, realçam o preconceito e estimulam a generalização de diversos povos para esconder a falta de conhecimento. É importante para a compreensão deste conceito distinguirmos os povos do Oriente e não cairmos em generalizações, portanto serão explicados abaixo dois termos muitos citados na mídia, mas que frequentemente são utilizados de forma equivocada.

- a) Árabe: natural ou habitante da Arábia, península do Sul da Ásia, entre o mar Vermelho e o golfo Pérsico; indivíduo de qualquer dos povos semitas de origem árabe espalhados pelas regiões circunvizinhas.
- b) Islamismo: religião maometana; religião fundada por Maomé ou a doutrina e os ensinamentos dessa religião; conjunto dos povos de civilização islâmica, que professam o islã; religião dos muçulmanos. ****

No segundo capítulo foi abordado o 11/09/2001 e os atentados cometidos nos Estados Unidos e feita uma análise da cobertura dada pelas revistas estudadas, Veja e Carta Capital. Para compreender melhor as conseqüências do evento foram inseridos os conceitos de cultura do medo, para tratar da sociedade norte-americana, e vitimização. A cultura do medo designa uma postura adotada pelos governos e meios de comunicação dos EUA que estimulam a população a temer determinados eventos e situações que possuem pequena probabilidade de ocorrer. Já a vitimização é um efeito incorporado recentemente ao patriotismo norte-americano, que após o 11/09, fez com que a população se colocasse no papel de vítima e exigisse de seus governantes uma “cura” para o mal que vinham sofrendo.

*** Essa metodologia foi utilizada anteriormente pelo DOXA (Laboratório de pesquisas em comunicação política e opinião pública) para analisar a cobertura de eleições feita pelos meios de comunicação. Ver site www.doxa.iuperj.br.

**** Fonte: Novo Dicionário Eletrônico Aurélio – versão 5.0, 2004.

No terceiro capítulo foram analisadas matérias das revistas *Veja* e *Carta Capital* relacionadas aos principais eventos ocorridos durante a invasão: a inspeção da ONU sobre a presença de armas de destruição em massa no Iraque, o momento da invasão norte-americana, o caso Kelly, a captura e morte dos filhos de Saddam Hussein, o atentado a sede da ONU em Bagdá, os atentados de 11/03/04 na Espanha, os casos de tortura em Abu Ghraib, o governo provisório, a reeleição de Bush, e a eleição de um novo presidente no Iraque em janeiro de 2005.

Através da análise das matérias foi possível perceber que cada revista possui uma compreensão diferente do conflito e por isso prioriza certos aspectos na hora de passar a notícia para o leitor.

Capítulo 1

A Guerra do Golfo

1.1 O ORIENTALISMO NORTE-AMERICANO

A relação entre Ocidente e Oriente sempre foi ambígua: de um lado um misticismo exótico e de outro os inimigos bárbaros. O pensador Edward Said (2001) criou o termo orientalismo para designar o pensamento dicotômico ocidental que define o Oriente a partir do lugar que ele ocupa e representa em relação ao Ocidente, em especial a Europa e os Estados Unidos da América: “o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.”²⁰

O Ocidente se coloca hegemonicamente em relação ao Oriente e por isso o orientalismo permanece por todas essas décadas. Segundo Said qualquer estudo sobre países orientais que seja feito por um ocidental irá revelar a realidade do autor em relação ao Oriente, e não a verdade sobre este.

Os dogmas do orientalismo, segundo o autor, são:

1. contraposição preconceituosa e hierárquica entre Ocidente (superior e desenvolvido) e Oriente (inferior, precário, ultrapassado e irracional);
2. abstrações do Oriente (textos antigos ou clássicos são mais estudados do que a realidade atual);
3. Oriente como algo único, uso de vocabulário que generaliza tudo a partir do ponto de vista ocidental;
4. Oriente como ameaça ou como algo que deve ser controlado.

O orientalismo começou com as grandes potências européias, França e Inglaterra, e após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos incentivaram este pensamento. Desde meados do século XX o Oriente e seus habitantes passaram a significar um grande perigo para os norte-americanos, primeiro foram os japoneses, os alemães, os russos e finalmente

²⁰ Said, Edward W., *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. P. 15.

os “árabes terroristas”. Segundo Said o orientalismo norte-americano é mais prejudicial do que o europeu, pois não existe mais uma “admiração” pelo diferente, o que existe agora é o deboche e o medo. A imagem que se cria dos povos orientais é negativa, até mesmo em função do conflito com o Estado de Israel, que possui forte apoio norte-americano. Cria-se então um estereótipo do muçulmano que, em um primeiro momento, aparece como alguém incapaz e ignorante e depois, na década de 70, como uma ameaça e é caracterizado de terrorista.

“Era nisso que o árabe se transformara. De um estereótipo vagamente delineado como um nômade montado em um camelo a uma caricatura aceita por todos, de encarnação da incompetência e da derrota fácil (...). No entanto, depois da guerra de 1973, o árabe apareceu por toda parte como algo mais ameaçador. Caricaturas apresentando um xeque árabe de pé atrás de uma bomba de gasolina surgiam repetidamente.”²¹

A indústria cinematográfica de Hollywood ajudou bastante na construção do imaginário desses povos como inimigos; diversos filmes de ação retratam os muçulmanos como vilões. A cada conflito com os países orientais - desde a Guerra do Golfo, passando pelo 11 de setembro até a invasão ao Iraque em 2003 - essa imagem negativa foi reforçada pelas organizações de entretenimento visando estimular o patriotismo norte-americano e incentivar o ódio aos terroristas. Hoje em dia o orientalismo é menos evidente nos filmes pois conquistou outro espaço, as séries de televisão. Sucessos de audiência como *24 Horas* e *CSI – New York* mostram terroristas muçulmanos tentando destruir a “felicidade” dos cidadãos dos EUA a todo o tempo, e retomam o 11/09/2001 a partir da idéia dos Estados Unidos como vítima;

Os textos acadêmicos norte-americanos que falam sobre os povos orientais também estão permeados pelo orientalismo. Edward Said acredita que o problema está na falta de profundidade dos estudos, não se tenta compreender as origens, a história e as especificidades dos processos, apenas aplica-se uma teoria sem se preocupar se ela dá conta da realidade. Segundo a autor, pesquisadores usam conceitos como “islã” e “árabes” para falar de todos os povos e culturas da região, sem considerar os diferentes aspectos de cada um. A religião, o islamismo, é colocada acima de questões históricas, políticas, sociais e econômicas. A literatura oriental é ignorada, uma vez que estes estudiosos são considerados menos objetivos e inteligentes do que os ocidentais.

²¹ Idem. P. 290

Apesar da importância do estudo de Said e do conceito de orientalismo, existem correntes contrárias, inclusive no próprio Oriente. No livro *Linhagens do presente*, o autor Aijaz Ahmad (2002), discorda teoricamente de Edward Said. Ahmad é marxista, e Said considera o marxismo limitado para tratar de questões mais atuais. Aijaz Ahmad considera “*Orientalismo* um livro cheio de defeitos”²² e repetitivo. Na minha opinião as críticas são mais do que teóricas, como podemos ver na seguinte declaração do autor.

“*Orientalismo* marca uma ruptura tão radical na própria carreira intelectual de Said porque a *escrita* desse livro foi uma tentativa de resolver qual significado tinha para ele ser um palestino que mora e ensina nos Estados Unidos, armado com pouco mais do que uma formação intelectual humanista, uma carreira bem-sucedida como crítico literário e um esplêndido domínio sobre vastas áreas da textualidade literária européia.”²³

Ahmad acrescenta que apesar de Said criticar certos teóricos ocidentais por sua visão “colonial” do Oriente, ele utiliza apenas ocidentais para construir o conceito de orientalismo. O que me parece correto, dado que o orientalismo sempre foi praticado por ocidentais, nada mais adequado do que procurar no Ocidente teorias que pudessem ajudar na explicação deste tipo de pensamento.

O autor também diz que a parte literária do livro tem pouco alcance político, e que não aborda a dominação cultural dos colonizadores em outros locais também colonizados, como a América Latina. Também algo que considero irrelevante já que o propósito do livro é abordar o Oriente e não os processos de colonização.

Para o autor indiano, Said cai em generalizações ao falar do mundo ocidental, que ele mesmo critica quando aplicadas ao Oriente.

“É bastante notável o quão constante e confortavelmente Said fala (...) de *uma* Europa, ou do Ocidente, como um ser idêntico a si mesmo, fixo, que sempre teve uma essência e um projeto, uma imaginação e uma vontade (...).”²⁴

Mas se temos um estereótipo de Ocidente, este foi criado pelos próprios ocidentais, ao contrário do Oriente.

²² Ahmad, Aijaz, *Linhagens do presente*. P. 111.

²³ Idem. P.111.

²⁴ Idem. P. 131/132.

1.2 A CRISE DO GOLFO E A INTERVENÇÃO DOS EUA

Na década de 80 o partido Baath* já governava o Iraque e este disputava com o Irã uma posição privilegiada entre os países do golfo Pérsico. Saddam declarou guerra contra o Irã na tentativa de derrubar seu governo fundamentalista, com medo que esta modalidade se tornasse corrente nos demais países da região, e para isso obteve apoio dos EUA. Este conflito durou mais de oito anos e foi um dos mais sangrentos após o término da Guerra Fria. Saddam Hussein, à frente do país e desta guerra, já podia ser considerado um “ditador sanguinário” - termo vastamente utilizado pela mídia durante os conflitos entre EUA e Iraque - mas nesta época o governo americano apoiou o “tirano” com informações militares sobre os exércitos iranianos.

“Durante a guerra, os Estados Unidos haviam protegido o Iraque; tinham ajudado no financiamento de centenas de milhões de dólares em trigo e grãos para alimentar seu povo, uma vez que 75% da alimentação dos iraquianos é importada; também os Estados Unidos haviam fornecido informações a Saddam sobre os movimentos de tropas iranianas quando o curso da guerra era desfavorável a Bagdá; os Estados Unidos tinham arriscado vidas americanas ao enviar ao golfo Pérsico, em 1987, *destroyers* e cargueiros visando manter abertas passagens vitais à exportação de petróleo do Iraque; os Estados Unidos fizeram vistas grossas quando um míssil iraquiano, acidentalmente, atingiu o *USS stark* e matou trinta e sete marinheiros; continuaram prestando assistência aos iraquianos mesmo após o cessar-fogo; mantiveram boas relações com Bagdá, mesmo com o uso de armas químicas contra os curdos.”²⁵

No livro *Saddam Hussein e a crise do golfo*, as autoras Judith Miller e Laurie Mylroie (1990) declaram que após o conflito o Iraque estava extremamente endividado, principalmente com os países da região. Um destes países era o Kuwait, que sabia que Saddam não possuía dinheiro para pagar sua dívida, e mesmo assim insistiu em cobra-la, e propôs como forma de pagamento o reconhecimento de áreas disputadas anteriormente. Saddam considerou a proposta de seu vizinho uma provocação e em troca passou a extorquir o país exigindo US\$ 27 bilhões. O Kuwait ofereceu uma quantia bem menor, recusada pelo Iraque.

A desavença entre os dois países continuou. Alguns meses depois Saddam acusou o Kuwait de estar produzindo petróleo acima da quantidade estabelecida, o que causava uma queda no valor do produto, e ameaçou novamente o país, porém dessa vez a ameaça veio

* O Baath foi fundado em 1947

²⁵ Miller, Judith e Mylroie, Laurie, *Saddam Hussein e a crise do golfo*. P. 23.

acompanhada de um deslocamento de aproximadamente trinta mil soldados para a fronteira. O governo kuwaitiano recuou dizendo que diminuiria a produção de petróleo, mas mesmo assim o presidente do Iraque enviou mais homens para a fronteira.

Segundo Miller e Mylroie os países árabes, liderados pelo Egito, ficaram preocupados com a possibilidade de um novo conflito no golfo Pérsico e resolveram intermediar uma negociação entre os dois países, mas os pedidos de Saddam Hussein iam além do que o Kuwait se propunha a aceitar e o primeiro encontro não avançou muito. As negociações continuariam no dia seguinte, mas na madrugada Saddam autorizou a invasão ao Kuwait e em seis horas o país todo estava sob controle iraquiano. Estima-se neste período que 100 mil iraquianos se espalharam pelo território kuwaitiano. A agência de notícias Reuters declarou que neste primeiro dia da ocupação iraquiana morreram entre 600 e 800 cidadãos do Kuwait.

Em 02/08/1990 o Iraque dominou o Kuwait, na chamada “Revolução de 2 de agosto”, dando início à Guerra do Golfo. Em menos de uma semana a ONU e os EUA se manifestaram exigindo a retirada dos soldados iraquianos, a libertação dos reféns e autorizando sanções econômicas ao Iraque, incluindo o petróleo vindo do país.

Alguns países do golfo apoiaram as resoluções da ONU e foram, aos poucos, boicotando o governo iraquiano: a Turquia bloqueou os oleodutos que passavam por seu território, a Síria deslocou soldados para defender a Arábia Saudita (principal preocupação norte-americana devido às altas negociações petrolíferas com o país) e os sauditas abrigaram tropas dos Estados Unidos em seu território.

O governo iraquiano declarou que as sanções somente iriam atrasar a retirada das tropas e, ao perceber o movimento norte-americano no Arábia Saudita, afirmou que não pretendia invadir o país. Sem o recuo dos EUA Saddam ameaçou usar armas químicas para se defender e disse que só sairia do Kuwait se algumas condições fossem atendidas: término das sanções; reconhecimento do direito do Iraque sobre o país invadido; desocupação dos territórios árabes por parte de Israel; desocupação do Líbano por parte da Síria; e outras coisas mais. Não é preciso explicar porque os Estados Unidos não aceitaram estas condições e declararam guerra ao país. Depois de George H. Bush ter chamado Saddam

Hussein na imprensa de “novo Hitler” como ele poderia ceder aos pedidos deste “terrível ditador”?

Mas algumas questões ficam em aberto: será que o Iraque, tanto em 1990 quanto em 2003, tinha condições para atacar os Estados Unidos da América, a maior potência mundial? Apesar da aprovação da ONU desta guerra, não podemos ignorar que a região em conflito é o paraíso do petróleo, e sem dúvida, isto foi fundamental para a decisão final norte-americana.

“Apesar das opiniões contrárias dos políticos ocidentais, a dimensão internacional da crise de 1990, tal como a de todas as crises do Médio Oriente desde a Primeira Guerra Mundial, reside no petróleo – uma crise que levou ‘infiéis’ a pisar as areias sagradas dos muçulmanos para defender os campos petrolíferos vitais para os interesses ocidentais.”²⁶

1.3 A GUERRA DO GOLFO E A MÍDIA NORTE-AMERICANA

O papel da mídia na Guerra do Golfo foi fundamental. As imagens transmitidas ao vivo pelas redes de televisão nos davam a impressão de uma tela de videogame: assistíamos pessoas sendo mortas e cidades sendo destruídas através de uma lente de visão noturna, com barulhos e luzes de explosões, ataques aéreos, e sem nenhum sangue, dor ou sofrimento. As armas de precisão eram o orgulho das forças armadas dos EUA, esta seria uma “guerra cirúrgica”: limpa e sem baixas desnecessárias. No entanto não foi bem assim que aconteceu, apenas uma minoria das bombas usadas eram “inteligentes” e houve inúmeras baixas desnecessárias, sendo que do lado das forças aliadas a maior parte foi causada pelo “fogo amigo”. Os únicos vitoriosos dessa guerra foram os meios de comunicação, e em especial a televisão, que se consolidou como fonte universal:

“Embora semicego pela censura militar, o olho eletrônico da TV neste caso revelou plenamente a sua natureza de olho divino. Aquele olhar é agora irreversivelmente o ‘nosso’ olhar, a via pela qual todo o bem e todo o mal do mundo irrompem nas nossas almas.”²⁷

Para José Arbex Jr. (2001) a espetacularização da notícia, ou o “showrnalismo”^{*,*}, foi visto em grande escala na Guerra do Golfo. As mesmas características de um show

²⁶ Darwish, Adel e Alexander, Gregory, *Guerra do Golfo*. P. 59.

²⁷ Formenti, Carlo, *A guerra sem inimigos* IN *Guerra virtual, guerra real*. P. 46/47.

midiático qualquer foram aplicadas às notícias de guerra, pois não mencionavam as perdas humanas e nem mostravam as cenas de sangue e morte na televisão, e não com o intuito de poupar os espectadores, e sim com o objetivo de vender a “guerra limpa”.

Segundo Douglas Kellner (2001) foi nesta guerra que o governo norte-americano conseguiu, através dos meios de comunicação, conquistar um grande apoio popular a favor de sua intervenção militar. Este apoio foi conquistado pelo governo em conjunto com alguns meios de comunicação através da idéia de necessidade de ir a guerra e de liquidar o “atroz ditador” Saddam Hussein. Este uso da mídia pela administração vigente foi tão intenso que este autor chega a declarar que houve manipulação por parte da Casa Branca e do Pentágono:

“A grande mídia dos Estados Unidos e de outros países tenderam a transformar-se em veículo obediente da estratégia governamental de manipulação do público, pondo em risco a democracia, que implica a existência de cidadãos informados e de um equilíbrio de poder e contrapoder, para evitar abusos autoritários, bem como de meios de comunicação livres, críticos e robustos.”²⁸

Apesar da manipulação os grandes conglomerados de informação e entretenimento apoiaram o governo de George H. Bush sem apresentar grandes empecilhos, em primeiro lugar porque diante de uma crise a mídia tende a apoiar as decisões oficiais, e em segundo lugar devido à estreita relação entre os proprietários dos meios e os governantes e ou a indústria bélica. Além deste apoio deliberado a falta de debates, críticas ou declarações pacifistas era gritante, segundo Kellner. A possibilidade de crítica ou apontamento de possíveis falhas no combate foi totalmente eliminada pelo governo através de um sistema *pool* de controle da mídia e dos repórteres presentes no Iraque. O *pool* consiste na censura de uso de imagens e reportagens com soldados ou em locais considerados zona de guerra. Portanto os jornalistas podiam entrevistar apenas oficiais instruídos e visitar instalações previamente escolhidas pelo Pentágono. Em 2003 o mesmo tipo de controle fez com que surgisse o termo *embedded* (embutido, incorporado) devido à incorporação dos correspondentes ao exército norte-americano.

Kellner aponta três estratégias utilizadas pela mídia para trabalhar a guerra e garantir o apoio da população:

** Segundo José Arbex Jr., que criou o termo “showrnlismo” este significa: “o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício.” (Arbex Jr., José, *Showrnlismo*. P. 32.)

1. utilizar como fonte, na maior parte da cobertura, apenas oficiais do governo e exército, criando um consenso nas opiniões sobre o conflito;
2. estimular o patriotismo norte-americano, através da identificação e solidariedade com os jovens soldados e suas famílias, e através de propagandas que exibiam repetidamente a bandeira dos Estados Unidos e seu hino;
3. demonizar Saddam Hussein e associar os iraquianos a terroristas, disseminando racismo contra os árabes e terror entre a população. A mídia não se contentava em caracterizar Saddam apenas como um ditador e comparava-o a Hitler:

“A satanização de Hussein e dos iraquianos era importante porque, se eles fossem absolutamente maus e constituíssem uma ameaça idêntica à de Hitler e dos nazistas, nenhuma negociação seria possível, e estaria excluída qualquer possibilidade de solução diplomática para a crise.”²⁹

O sociólogo Barry Glassner em seu livro *Cultura do medo* discute a relação entre a mídia e medos que surgem na sociedade norte-americana que, segundo ele, teme cada vez mais o que deveria temer cada vez menos. O autor acredita que durante a Guerra do Golfo a mídia, dos EUA e provavelmente de muitos outros países, foi alimentada com informações falsas para garantir o apoio popular. Para Glassner a guerra e suas conseqüências foram pouco debatidas pela mídia, mas em compensação gastou-se um tempo enorme com a "síndrome da Guerra do Golfo". Histórias fantasiosas invadiram os jornais alegando que os soldados haviam sido contaminados com medicamentos, radioatividade, etc., e até seus filhos poderiam ser prejudicados. Inúmeros estudos surgiram comparando os sintomas dos militares que combateram na Guerra do Golfo e outros militares e os resultados obtidos não divergiam em nada. Convencidos de que seus sintomas eram físicos os soldados não iam atrás de ajuda psicológica, que era o que realmente precisavam. Esta síndrome surgiu,

patriotismo pregado pela mídia era uma forma de ignorar que estavam passando por uma época de aumento da pobreza. Apesar de todos os esforços de George H. Bush em garantir o apoio da população, estimular o patriotismo e conservar uma imagem positiva da guerra, o partido republicano não ganhou as eleições, e Saddam Hussein permaneceu no poder - até o revide de George W. Bush. Douglas Kellner aponta algumas possibilidades para este fato: a separação dos soldados de sua família, a lembrança da Guerra do Vietnã, os opositoristas à guerra (apesar destes terem sido excluídos da mídia). Se tudo isto teve mais força do que a campanha massiva realizada pelo governo, eu me pergunto: o que mudou em 2003? Por que George W. Bush foi reeleito? Talvez seja um efeito colateral do 11 de setembro que despertou o “instinto territorial de horda” mencionado por Kellner, incentivando a união popular em tempos de ameaça e perigo, mas como o próprio autor questiona: como o Iraque pode ser uma ameaça aos EUA?

Capítulo 2

O retorno do “mal”

2.1 OS ATENTADOS DE 11/09/2001

No dia 11 de Setembro de 2001, o mundo ficou atônito com as imagens de aviões atingindo as torres gêmeas do edifício *World Trade Center* e parte do Pentágono. Havia também um outro avião, com destino à Casa Branca, que caiu antes de atingir o alvo. Estas imagens foram repetidas milhares de vezes nas redes de televisão de todo o mundo, expondo a fragilidade norte-americana, e todos se perguntavam quem seria o responsável por aquele atentado. Rapidamente surgiram diversas teorias, sendo os culpados mais prováveis um grupo terrorista islâmico ou um grupo da extrema direita norte-americana. Logo depois Osama bin Laden e seu grupo Al-Qaeda assumiram o ato e a jornada contra o “mal” teve início.

O presidente George W. Bush decidiu lançar uma campanha de combate ao “mal” a todo custo: se fosse necessário invadir países e matar pessoas ele o faria. Os demais países foram colocados em xeque e coagidos a uma definição entre “eixo do bem” (a favor dos EUA) e “eixo do mal” (a favor dos terroristas, a princípio formado por Iraque, Irã e Coreia do Norte). Obviamente ninguém se declarou contra a potência enfurecida, temendo as consequências, mas mesmo assim Bush foi procurando adversários em todas as partes. Em mais de uma ocasião até mesmo o Brasil foi mencionado entre os países do “mal” por ter um governo de esquerda e pelo fato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ser amigo do polêmico Hugo Chaves, presidente da Venezuela.

Em 07 de outubro de 2001 o exército norte-americano iniciou a guerra ao Afeganistão, com apoio da ONU e diversas nações, como Inglaterra, França e Alemanha. Em poucos dias membros do talibã * vão sendo expulsos das principais cidades, e em 06 de dezembro o dirigente do grupo se rende, e um novo presidente, Hamid Karzai, é eleito. Apesar da intensidade dos ataques, Osama bin Laden não foi capturado, até hoje.

Ignacio Ramonet (2002), diretor do jornal *Le Monde Diplomatique*, escreve em um artigo intitulado *O novo rosto do mundo*, que o atentado ao *World Trade Center* não visou apenas as mortes, e conseguiu três tipos distintos de efeitos. O primeiro diz respeito aos danos materiais: as mortes e a destruição das torres. O segundo está relacionado ao efeito simbólico, pois os Estados Unidos foram atingidos em uma das mais potentes representações do Império, uma construção que representava sua hegemonia econômica no imaginário global. E o terceiro efeito foi midiático, em todas as telas de televisão do mundo inteiro via-se os atos de bin Laden, e pela primeira vez a fragilidade interna dos EUA foi exposta com tamanha amplitude.

Apesar de haver um consenso condenando as mortes resultantes do atentado de 11/09/2001, muitas pessoas ficaram até contentes ao ver o Império abalado. Países que por diversas vezes sofreram intervenções norte-americanas sentiram um “gostinho de vingança” ao ver os Estados Unidos transformado em alvo em seu próprio território.

* Milícia fundamentalista islâmica que governava o Afeganistão na época dos atentados de 11/09/2001 e que protegia Osama Bin Laden em seu território.

“Em todo o mundo, e sobre tudo nos países do Sul, a sensação que a opinião pública manifesta com maior frequência a propósito dos condenáveis atentados é: ‘o que eles estão passando é muito triste, mas eles merecem’”.³⁰

Mas em nenhum momento o governo norte-americano levantou esta discussão. Ao questionar em um de seus discursos “porquê eles nos odeiam”, o presidente Bush visou apenas a vitimização, colocando que o surto anti-EUA provinha da inveja, quando, na verdade, a pergunta certa seria: o que será que fizemos para que nos odeiem?

“Em momentos em que os editoriais do *New York Times* sugerem que ‘eles’ nos odeiam porque defendemos o capitalismo, a democracia, os direitos individuais, a separação entre Igreja e Estado, o *Wall Street Journal*, melhor informado, depois de haver perguntado a banqueiros e pessoas do alto escalão não ocidentais, explica que ‘nos’ odeiam porque travamos a democracia e o desenvolvimento econômico, e apoiamos regimes brutais, inclusive terroristas.”³¹

Muitos adotaram a teoria do “choque de civilizações” para explicar os terríveis atentados de 11/09/2001. Esta teoria foi apresentada por Samuel P. Huntington (1996), que defendeu uma polêmica tese - no livro *O choque de civilizações e a recomposição da ordem* - na qual afirma que as populações estão, nos últimos anos, voltando-se para as culturas locais (história, costumes, religião, etc..), e que este processo poderia culminar em um choque de civilizações. Combinando estas distinções culturais entre os povos com o crescimento demográfico nos países muçulmanos e a ascensão econômica da Ásia, o autor defende que o Ocidente e o Oriente estão em conflito e que o mundo ocidental deve pensar em novas estratégias para preservar sua cultura.

Diversos autores combateram esta explicação (na época em que a teoria foi divulgada, e depois na ocasião dos atentados) por apresentar um tom de superioridade norte-americana e principalmente pela defesa da supremacia ocidental. O escritor paquistanês Tariq Ali (2002) responde à teoria de “choque de civilizações” defendendo que não se pode generalizar o mundo islâmico, existem diversas contradições e posturas adotadas por diferentes grupos em diferentes países. Além disso, o fortalecimento de alguns dirigentes fundamentalistas só aconteceu com a ajuda dos EUA, como nos apoios a Osama

³⁰ Ramonet, Ignácio, *El adversario* IN *El nuevo rostro del mundo*, Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*. P. 10

³¹ Chomsky, Noam, *Crímenes para evitar atrocidades* IN *El nuevo rostro del mundo*, Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*. P. 63/64

bin Laden e ao Talibã contra o partido comunista do Afeganistão e a Saddam Hussein e o Baath contra comunistas e sindicatos de trabalhadores no Iraque. Portanto, para Ali, os atentados nada mais são do que uma consequência da política adotada pelos Estados Unidos nas últimas décadas, e o choque pregado por Huntington é, na verdade, entre dois grupos fundamentalistas: os islâmicos e a direita cristã norte-americana.

Não podemos esquecer também que a postura rígida adotada por George W. Bush foi pensada em função das eleições que ocorreriam no ano seguinte:

“Bush e sua equipe sabiam que não podiam esperar ampliar sua base eleitoral mediante ações de política interna. Esperaram que a política externa fizesse a diferença.”³²

Os EUA agora haviam encontrado um novo inimigo para substituir o vazio deixado pela URSS: o terrorismo. É importante lembrar, como Slavoj Žižek (2003), que a exaltação de um inimigo externo serve para desviar as atenções de contradições internas, inclusive do próprio sistema capitalista, defendido a todo custo pelo Império.

A diferença é que este inimigo é mais perigoso, pois o terrorismo não possui localização fixa nem território próprio, portanto é um inimigo invisível. É um novo tipo de guerra: Estado x rede dispersa de inimigos. O cientista social Marwan Bishara (2002) argumenta que é uma guerra assimétrica, pois o inimigo pode ser uma ideologia, ou uma religião, e não mais uma nação como até então. Segundo ele é preciso encontrar estratégias originais para combater este inimigo, e não a guerra defendida pelo presidente Bush:

“O novo ‘inimigo assimétrico’ não pode ser vencido pela força bruta e menos ainda por uma tecnologia sem projeto político, que sempre será inferior ao poder da cultura e da identidade.”³³

Noam Chomsky (2002), crítico fervoroso do governo de George W. Bush e da invasão ao Iraque, levanta uma discussão interessante em vários de seus textos sobre a definição de “terrorista” utilizada pelos Estados Unidos. Se seguirmos seu significado, a partir do código norte-americano, os EUA seriam também enquadrados como tal.

“Ato de terrorismo quer dizer qualquer atividade que *a*) envolva um ato violento ou uma séria ameaça à vida humana que seja considerado delito pelos Estados Unidos ou qualquer outro Estado, ou que seja delito assim reconhecido, se praticado dentro do território jurisdicional americano ou de qualquer outro Estado; *b*)

³² Clemons, Steven, *La ceguera del império* IN *El nuevo rostro del mundo*, Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*. P. 25

³³ Bishara, Marwan, *La era de las guerras asimétricas* IN *El nuevo rostro del mundo*, Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*. P. 37

aparente ser uma intimidação ou coerção à população civil; influencie a política governamental por meio de intimidação ou coerção; ou ameace a conduta de um governo por assassinato ou seqüestro.”³⁴

Lendo este trecho acima podemos citar várias situações em que os Estados Unidos praticaram atos terroristas, inclusive na invasão ao Afeganistão e ao Iraque, seqüestrando líderes políticos e instalando pela força um novo processo político de fora para dentro.

2.2 A VITIMIZAÇÃO E O ORIENTALISMO NA MÍDIA

No livro *Cultura do medo* de Barry Glassner - que caracteriza a sociedade norte-americana como uma sociedade do medo - encontramos evidências para um processo de vitimização da sociedade norte-americana, que com a ajuda da mídia e do governo faz com que os cidadãos passem a temer coisas mínimas ou improváveis de acontecer.^{**}

Este papel de vítima também é incorporado pelo Estado norte-americano. Sua vitimização começou com o atentado de 11 de setembro, quando grande parte da sociedade se apegou a esta vivência histórica trágica e passou a exigir uma “cura” para esse mal. Mas a pergunta que deveria ser feita é: a condição de vítima inocenta?

O governo dos EUA, representado pela figura de George W. Bush, buscou então uma solução, uma “justiça” a ser feita em prol do sofrimento passado, ou seja, em nome dos mortos resolveu “vingar” os vivos através da política, e declarou uma guerra ao terrorismo (como se este fosse responsável por todos os males universais).

³⁴ *United States Code Congressional and Administrative News* In Chomsky, Noam, *11 de Setembro*. P.17.

^{**} Um dos casos mais chocantes é o dos distúrbios causados por próteses mamárias. Mulheres que haviam feito próteses apareceram na mídia reclamando e afirmando uma série de doenças como, fadiga crônica, câncer, artrite, etc, todas atribuídas ao implante. Embora muitos estudos provassem que a porcentagem de mulheres com prótese que apresentavam estes sintomas correspondesse ao número de mulheres sem prótese com os mesmos sintomas, estes não foram levados a sério nem divulgados pela mídia. Feministas de plantão apareceram por todas as partes culpando os homens pelas próteses, afinal estas representavam a “corporificação literal da opressão masculina”. Uma médica feminista chegou a fazer a seguinte afirmação: “*Isso é uma questão feminina e se você não acredita que as próteses mamárias causam doenças nos tecidos conectivos, você é antifeminista ou antimulheres.*”³⁵ O pânico causado por este tipo de depoimento e pelas notícias sensacionalistas da mídia fez com que muitas mulheres deixassem de ir ao médico se diagnosticar, com medo que a única solução fosse a prótese e que o implante iria aos poucos transformar sua vida em um grande sofrimento. Os resultados foram: milhares de processos judiciais de mulheres com prótese contra os fabricantes e fornecedores do material, e o fechamento destas fábricas que confeccionavam as próteses. Tudo isso apenas ocultou o fato real de que algumas mulheres que haviam colocado prótese devido ao câncer na mama entravam em depressão e tinham dificuldade em lidar com a perda do seio, e na falta de alguém para dividir seus problemas, na falta de um acompanhamento psicológico, resolveram chamar a atenção para sua

“Caídos do céu, os atentados de 11 de setembro de 2001 restituem um elemento estratégico primordial, de que os EUA se viram privados há dez anos com a derrubada na União Soviética: um adversário. Finalmente! Sob o nome de ‘terrorismo’, esse adversário é agora o islamismo (...)”³⁶

O ataque ao *World Trade Center* não representou um retorno do “mal”, como pregou Bush, foi apenas mais um exemplo dos horrores que o mundo vem passando desde a década de 70. A diferença foi que pela primeira vez ocorreu no país que havia ajudado a causar muitos desses males, o país chamado de “Império”. Os EUA poderiam ter solidarizado com todos os outros países que já passaram por isso antes, e não considerar que o ocorrido em seu território era diferente ou mais importante. Poderiam, por ter sentido na pele, assumir responsabilidades por danos causados em diversas partes do globo ao invés de optar pelo discurso de vítima. Zizek escreve a respeito da postura norte-americana:

“(...) Antes do colapso do WTC, vivíamos nossa realidade vendo os horrores do Terceiro Mundo como algo que na verdade não fazia parte de nossa realidade social, como algo que (para nós) só existia como um fantasma espectral na tela do televisor, o que aconteceu foi que, no dia 11 de setembro, esse fantasma da TV entrou na nossa realidade. Não foi a realidade que invadiu a nossa imagem: foi a imagem que invadiu e destruiu nossa realidade. (...) O que devíamos nos ter perguntado enquanto olhávamos para os televisores no dia 11 de Setembro é simplesmente: Onde já vimos esta mesma coisa repetida vezes sem conta?”³⁷

Não é coincidência que o governo norte-americano tenha consultado diretores da indústria de cinema para tentar prever ou imaginar onde poderiam ocorrer outros atentados terroristas. Este ataque já estava na fantasia e no desejo norte-americanos e muitos filmes hollywoodianos mostraram isso. Mesmo assim o choque foi imenso, o atentado de 11 de setembro representou a interrupção de sua felicidade e escancarou a “inveja” do Outro, trazendo a vitimização dos cidadãos dos EUA. Segundo Slavoj Zizek o 11 de Setembro foi a data em que os Estados Unidos foram apresentados ao deserto do real.

A mídia neste contexto tem um papel fundamental, é sua função ajudar a esclarecer a população sobre os atentados e sobre o que há por detrás deles, mas na verdade nem sempre é assim que acontece. Muitos meios de comunicação norte-americanos, como o canal de televisão *Fox News* e os jornais *The Wall Street Journal*, *The New York Post* e *The*

fragilidade processando os fabricantes da prótese. A questão era em quem por a culpa pelo que estavam passando.

³⁶ Ramonet, Ignacio, *El adversário* IN *El nuevo rostro del mundo*, Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*. P. 11.

³⁷ Zizek, Slavoj, *Bem-vindo ao deserto do real!*. P. 31

Washington Times, aproveitaram este momento para liberar seus “monstros”, assim surgiram os grandes inimigos do planeta, com descrições aterrorizantes, e do outro lado, as pobres vítimas inocentes.

“Dentro do clima nacionalista posterior ao 11 de setembro de 2001, o Fox News conseguiu destacar-se. Os apresentadores e jornalistas deste canal, cuja audiência média (...) superou recentemente a da CNN, competem em quem irá ofender mais a Osama bin Laden.”³⁸

E em todo o mundo o inimigo foi personalizado na figura de Osama bin Laden para criar na cabeça da população uma idéia mais concreta do inimigo, e o discurso polarizador utilizado pela administração de George Bush foi incorporado pela mídia.

“É sempre mais fácil personalizar o inimigo, identificar um símbolo do Grande Mal, do que buscar compreender o que está por trás das atrocidades cometidas.”³⁹

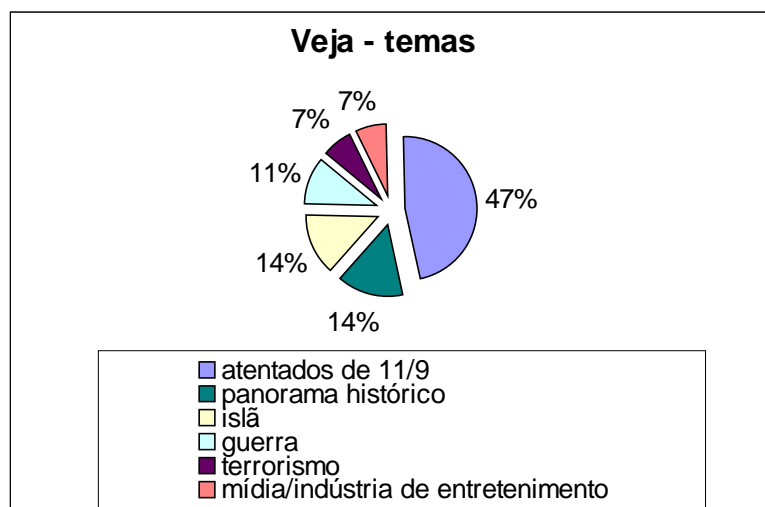
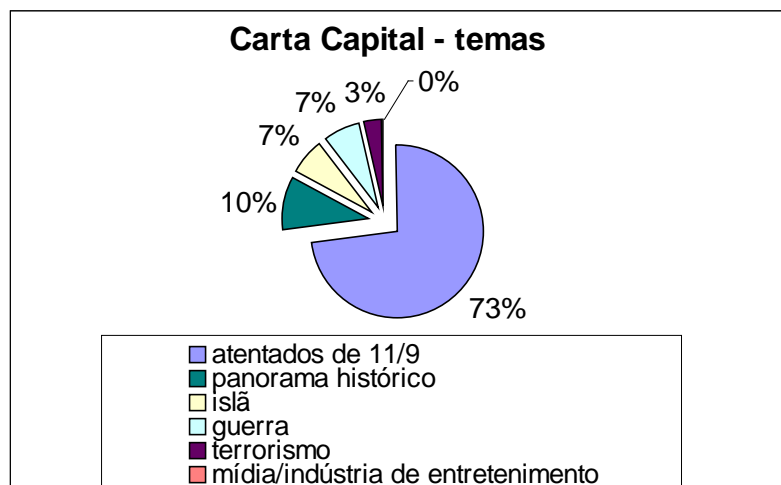
Para Noam Chomsky a mídia, em especial a mídia norte-americana, não tratou em sua cobertura de dois pontos. O primeiro, descobrir quais os caminhos para combater o terrorismo: existe um caminho da lei ou sem o uso da violência?; e o segundo, o porquê dos atentados, buscando compreender qual a visão e os motivos de quem está do outro lado. O autor ressalta que não podemos generalizar a mídia dos EUA, pois não existe uma uniformidade de pensamento. As revistas analisadas nesta pesquisa mostram estas divergências, e é por isso que iremos tratar a seguir de algumas matérias, para identificar a interpretação de cada um dos meios e os diferentes pontos de vistas de um mesmo acontecimento.

2.3 A MÍDIA BRASILEIRA

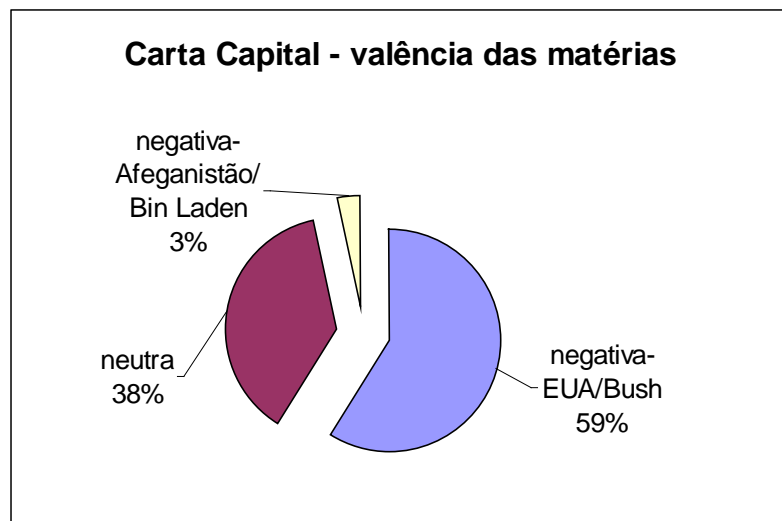
As duas revistas analisadas, Carta Capital e Veja, tiveram duas edições mais consistentes sobre os atentados ao *World Trade Center*, uma em 19/09/2001 e outra em 26/09/2001. Dentro de uma lista de temas com assuntos relacionados ao ataque, as revistas cobriram em sua maioria os efeitos e conseqüências do próprio ato e, em segundo lugar, trabalharam breves panoramas da situação que levou a este extremo, como é possível ver nos gráficos.

³⁸ Alterman, Eric, *Liberales, los medios de Estados Unidos* IN *La prensa refleja la realidad*, Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*. P. 63

³⁹ Chomsky, Noam, *11 de setembro*. P. 40/41



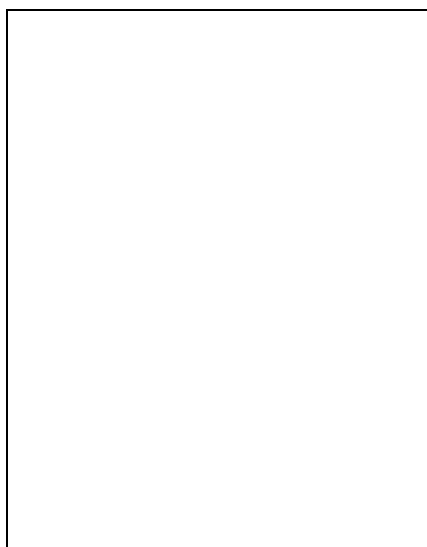
A Carta Capital se destacou por apresentar uma grande quantidade de matérias que retratavam os EUA e seu governo ou presidente de forma negativa (59%).



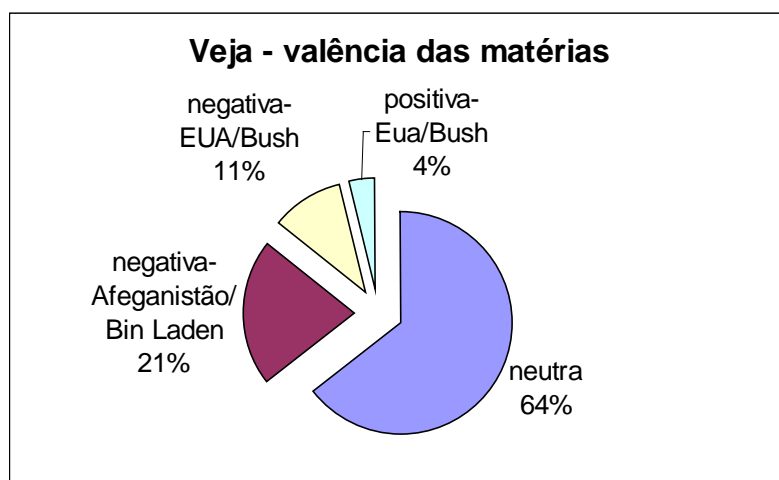
Esta caracterização negativa de Bush na Carta Capital ficou evidente não só pelos textos dos jornalistas da revista, mas também nas entrevistas e nas matérias assinadas por comentaristas, ou seja, a revista optou por profissionais e convidados que iriam criticar o presidente norte-americano ao invés de ouvir seus seguidores, ou até intercalar pontos de vistas. Em grande parte das matérias o presidente George W. Bush é ironizado, e muitas vezes apelidado de Júnior.

“Mesmo num cenário facilmente divisível entre o bem e o mal, o que parece condizente com o habitat mental de Bush, ele, que já era alvos de dúvidas quanto à sua capacidade de conduzir o país, se mostrou aquém.”
(Carta Capital, edição 157, p. 9)

Uma das capas tem a foto de Bush trabalhada para associa-lo com o personagem cômico da revista Mad, tirando sua credibilidade de chefe da maior potência mundial, e traz a seguinte manchete: “É com este que o mundo vai? O ataque ao terror, dificuldades para o consenso real entre os aliados e a justiça infinita... do Bush”.



Neste mesmo período, a revista Veja apresentou mais críticas às autoridades do Afeganistão e à Bin Laden do que aos EUA e o governo Bush, justamente o inverso da Carta Capital. No entanto a Veja trouxe mais matérias neutras, que apenas explicavam o conflito, como mostra o gráfico abaixo:



No entanto, uma análise textual mais cuidadosa revela que a Veja se caracteriza pelo caráter contraditório, pois apesar da quantidade de matérias neutras, as outras se superavam no preconceito aos povos orientais e sua religião, revelando que o orientalismo condenado por Said ainda está presente entre nós.

“Com os atentados, o relativismo sofreu um abalo: por alguns dias, pelo menos, o mundo voltou a ser dividido entre países civilizados e nações bárbaras.” (Veja, edição 1718, p.52)

“Os fundamentalistas usam Deus como desculpa para todas as coisas – inclusive as mais terríveis atrocidades, como as cometidas em Nova York e Washington.” (Veja, edição 1718, p. 58)

“Terroristas são como baratas. Para cada uma avistada, há centenas de outras escondidas.” (Veja, edição 1719, p. 85)

Enquadrar os muçulmanos como bárbaros e os norte-americanos e seus aliados como civilizados é fazer um julgamento de valores a partir do orientalismo que imperou na história por todos estes séculos. Será que se essa matéria fosse sobre um atentado terrorista de um grupo europeu, como o ETA ** ou o IRA ***, estes seriam retratados como oriundos de nações bárbaras? Os ataques cometidos em 11/9 não foram realizados por uma nação e sim por um grupo terrorista, não se pode generalizar os muçulmanos como bárbaros. Também não se pode acusar os fundamentalistas islâmicos de usarem Deus como desculpa para seus atos, uma vez que Bush usou Deus em vários de seus discursos para justificar a instalação da democracia cristã norte-americana e a invasão em países como o Afeganistão e o Iraque. Além disso, classificar os terroristas como baratas simplifica e empobrece a discussão para o leitor.

O lado positivo da cobertura é que as duas revistas mencionaram o preconceito e estereótipos dos povos árabes - o que traz a tona novos debates sobre o orientalismo – apesar da Veja se revelar extremamente contraditória, uma hora condenando seu discurso e outra utilizando-o.

“Se a tragédia de Nova York tivesse sido produzida por um estúdio de Hollywood, não restaria dúvida: a culpa, de pronto, teria recaído sobre os árabes. E sobre ninguém mais. Têm sido eles, afinal, os grandes vilões das recentes produções americanas.” (Carta Capital, edição 157, p. 54)

“Os árabes que emigram para o Ocidente enfrentam essa barreira (do preconceito) mas talvez nunca tenham sido tão visados devido ao estereótipo de seu sotaque, seu turbante e sua barba como depois do último dia 11, quando ocorreram ataques terroristas nos Estados Unidos.” (Veja, edição 1719, p. 134/135)

No entanto, ambos meios de comunicação poderiam ter aproveitado os acontecimentos extremos dos atentados ao *World Trade Center* para informar melhor seus leitores sobre as diferenças e conflitos entre o Ocidente e o Oriente e tentar compreender o porquê do ato terrorista.

** ETA: sigla em basco para *Euzkadi Ta Azkatasuna*, que significa Pátria Basca e Liberdade. Grupo que defende a independência do País Basco, região entre o nordeste da Espanha e o sudoeste da França.

Noam Chomsky, respondendo a uma pergunta sobre o que a imprensa norte-americana deixou de noticiar e deveria dar maior ênfase, diz:

“Primeiro, quais opções de ação temos diante de nós e quais são as suas conseqüências mas prováveis? Na verdade, não houve discussão a respeito da opção de seguir o caminho da lei (...). A segunda questão é: ‘Por quê?’ E esta questão é raramente discutida com seriedade. A recusa de encarar esta pergunta significa optar por incrementar significativamente a probabilidade de ocorrerem futuros crimes desta mesma espécie.”⁴⁰

Acredito que esta observação seja válida também para a imprensa brasileira. Divulgar a notícia é importante, mas em casos de fatos complexos como esse sempre existem acontecimentos históricos prévios que devem ser apresentados, pois são fundamentais para a compreensão do momento atual.

Capítulo 3

A invasão ao Iraque e a mídia

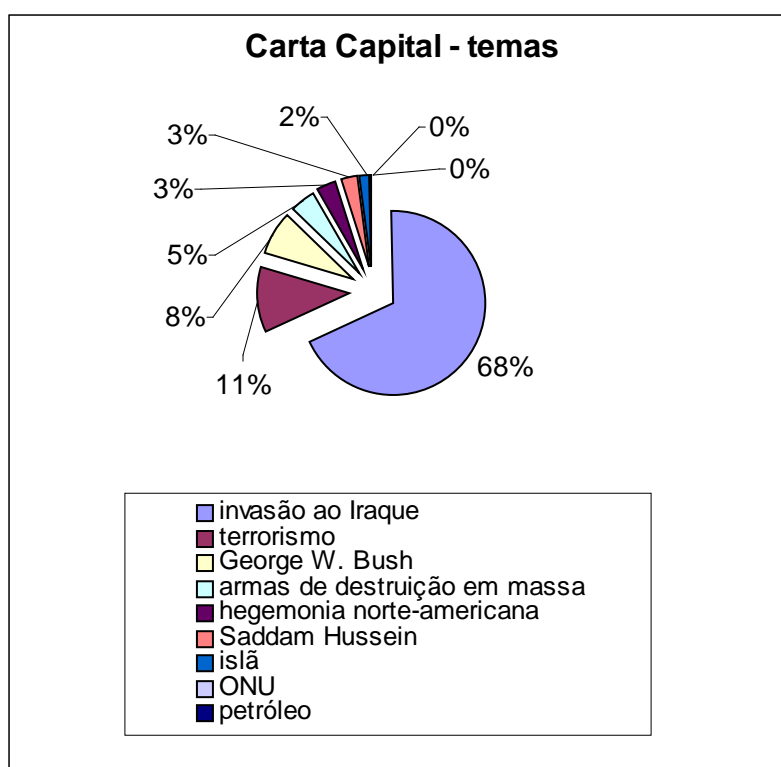
Entre o período de janeiro de 2003 e fevereiro de 2005 foram publicadas 113 edições de cada uma das revistas estudadas. As matérias que tratavam sobre questões relacionadas à invasão do Iraque foram selecionadas e lidas. A partir de uma linha

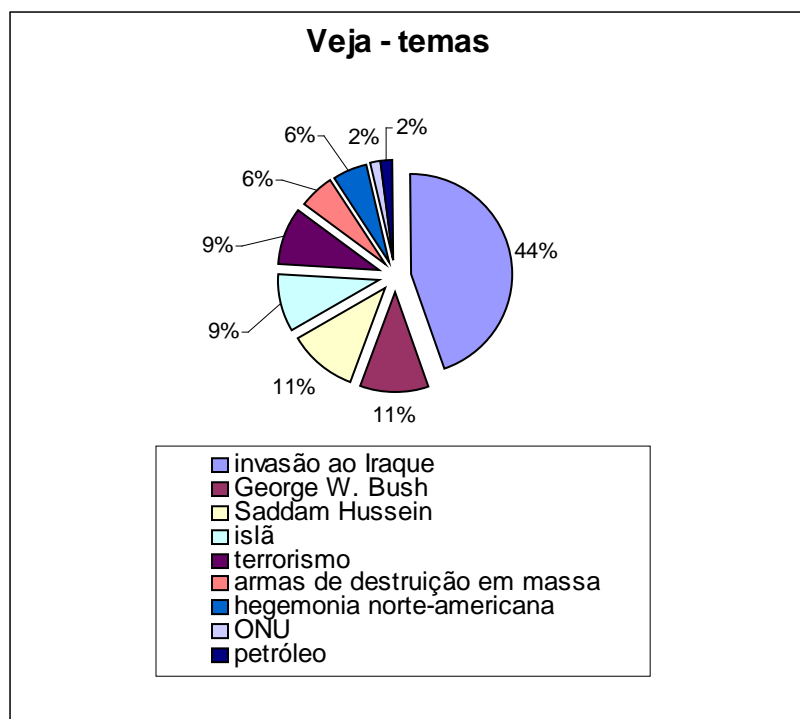
*** IRA: sigla em inglês para *Irish Republican Army*, que significa Exército Republicano Irlandês. Grupo paramilitar católico que defende a separação entre a Irlanda do Norte e o Reino Unido.

⁴⁰ Chomsky, Noam, *11 de setembro*. P. 29/30.

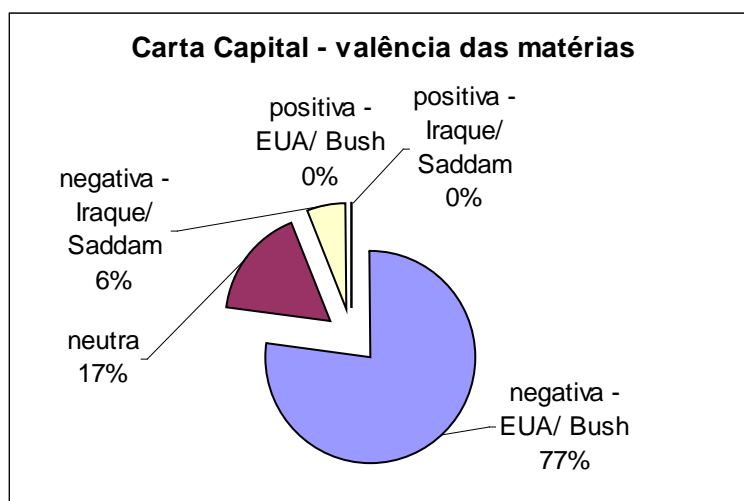
cronológica de acontecimentos importantes durante o conflito, as matérias foram classificadas - conforme a planilha apresentada (ver anexos) - e os trechos significativos foram transcritos na análise que se encontra a seguir. Ao todo foram 116 matérias analisadas, sendo 62 da Carta Capital e 54 da Veja.

O tema mais trabalhado pelas duas revistas durante o período foi a própria invasão. Em seguida, na Carta Capital, foram abordados o terrorismo, George W. Bush e as armas de destruição em massa. Na Veja a seqüência foi outra: em segundo lugar vieram George W. Bush e Saddam Hussein com o mesmo número de matérias, em terceiro, o islã e o terrorismo, e depois as armas de destruição em massa e a hegemonia norte-americana.

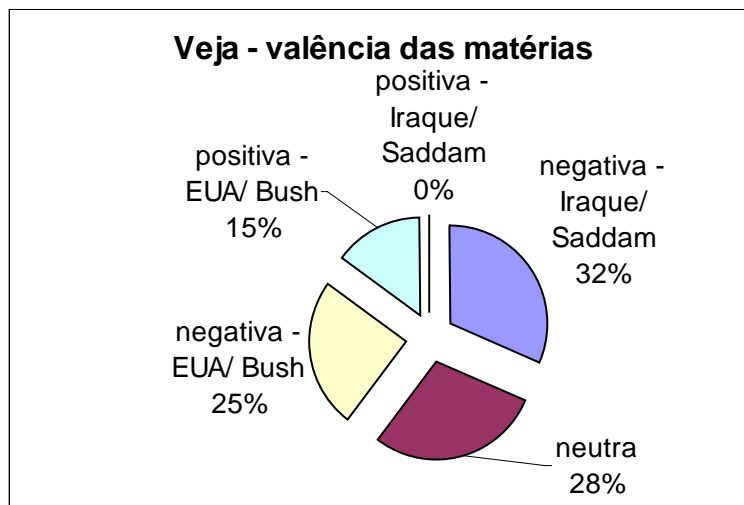




A Carta Capital se destacou pela caracterização negativa do presidente Bush e o governo norte-americano (77%), assim como aconteceu na cobertura dos atentados de 11/09. Apenas 17% das matérias foram neutras.



A revista Veja se destacou pela caracterização negativa de Saddam Hussein e do Iraque (32%), e apresentou mais matérias neutras do que a Carta Capital, 28%.



A partir destes dados já podemos perceber a diferença entre as visões de mundo dos dois meios de comunicação. A Carta Capital investe contra Bush em grande parte de suas matérias, deixando bem clara sua posição; já a Veja adota uma postura mais ambígua, pois ataca Bush em 25% das matérias e o defende em 15%. Mas a revista também marca posição contra Saddam Hussein em boa parte das edições. Nas análises e transcrições a seguir as linhas editoriais ficam mais evidentes.

3.1 ARMAS DE DESTRUIÇÃO EM MASSA

Os ataques de 11 de setembro de 2001 fizeram com que o governo norte-americano enrijecesse. Uma das medidas criadas que mais exemplificam esta postura ficou conhecida como Ato Patriótico (*Patriotic Act*). Este documento restringia algumas liberdades civis para facilitar a descoberta de ações terroristas ou pessoas ligadas a estes movimentos, com base na mesma justificativa da “guerra preventiva”: é melhor atacar antes que nos ataquem, mesmo sem provas. A máxima de que todos são inocentes até que se prove o contrário, deixou de existir.

A busca pelos culpados dos ataques ao *World Trade Center* levou os EUA a invadir o Afeganistão, país que abrigava a Al Qaeda, para dismantelar o movimento, e principalmente, encontrar o inimigo número 1 da nação: Osama bin Laden. Mas mesmo depois de terem destruído um país já devastado muitos anos pela guerra, a inteligência

norte-americana falhou em sua missão. O presidente Bush e a população dos Estados Unidos ainda não se sentiam livres das ameaças terroristas, não havia uma pessoa que estivesse presa e que pudesse ser responsabilizada por todos os danos como garantia de que nada mais aconteceria, por isso era necessário buscar outro ícone do “mal”.

“Na ausência de qualquer movimento terrorista ameaçador além da Al Qaeda, os olhares se concentraram numa antiga entidade maligna e intransigente: o Iraque de Saddam.”⁴¹

A relação que Bush tentava criar entre o Iraque e os atentados de 11 de setembro não estava clara para todos. A ex-secretária de Estado dos EUA durante o governo de Bill Clinton, Madeleine Albright, questionou o método do presidente Bush em entrevista a Carta Capital em março de 2003.

“Embora eu tenha sempre concordado com o porquê de se lidar com Saddam Hussein (...), nunca entendi por que precisamos fazê-lo agora, uma vez que há outras coisas no cenário, como a luta contra o terrorismo e a difícil situação com a Coreia do Norte.”⁴²

O jornalista norte-americano Seymour M. Hersh (2004) também não compreende “(...) a insistência implacável da administração Bush na necessidade de tirar Saddam do poder e na ligação, se é que há alguma, entre o Iraque e a guerra antiterror.”⁴³ Hersh também alerta que, além dos ideais de combate ao terrorismo e democratização do Oriente, existem interesses comerciais e econômicos muito fortes em jogo:

“A guerra que estava por vir significava que dinheiro – muito dinheiro – seria gasto e conseguido. Alguns dos mais ardentes defensores da guerra eram os mesmos que mais lucrariam com ela.”⁴⁴

Tarek Aziz, que foi vice-primeiro-ministro de Saddam Hussein, acusou o presidente Bush de invadir o Iraque devido ao interesse no petróleo da região:

“Como querem se apossar do petróleo do Iraque, eles se utilizam dos acontecimentos de 11 de setembro para fazer a desinformação, alimentada por mídias possuídas por sociedades de armamento. Eis a verdade...”⁴⁵

O Iraque e seu líder “tirano” foram escolhidos como alvo. EUA e Inglaterra manipularam a opinião pública para acreditar que este país possuía armas de destruição em massa, e isto era motivo suficiente para iniciar uma guerra. No Congresso dos Estados Unidos, todos votaram a favor da invasão, com exceção de um membro.

⁴¹ Blix, Hans, *Desarmando o Iraque – inspeção ou invasão?*. P. 93

⁴² Albright, Madeleine, IN *Bush no caminho errado*, Revista Carta Capital 233. P. 31

⁴³ Hersh, Seymour M., *Cadeia de comando*. P. 187

⁴⁴ Idem. P. 214

Mas também era necessário convencer a opinião pública e a ONU. As Nações Unidas resolveram então mandar um grupo de inspeção em busca das armas, mas depois de alguns meses nada foi encontrado. O relatório da inspeção citava que apesar de não haver indícios, as autoridades iraquianas não colaboraram muito na busca, e pedia mais tempo. Bush, impaciente, pressionava a ONU para iniciar a guerra.

“Enquanto os iraquianos eram ávidos, embora sem muito sucesso, para dar provas de sua própria inocência, os Estados Unidos, estavam igualmente ávidos, também sem muito sucesso, em encontrar provas convincentes da culpa iraquiana.”⁴⁶

Segundo Hans Blix, chefe da equipe de inspeção de armas das Nações Unidas no Iraque, a justificativa utilizada para iniciar a guerra era infundada.

“De minha parte, senti na época que a incapacidade ou hesitação do Iraque para provar que não possuía armas de destruição em massa era motivo para não confiar no país e não eliminar as sanções, mas, com uma cooperação dos iraquianos aos inspetores muito melhor que nos anos anteriores, não acho que a guerra se justificasse depois de apenas três meses e meio de inspeção.”⁴⁷

As revistas *Veja* e *Carta Capital* publicaram, em fevereiro de 2003, uma matéria cada, sobre o resultado da inspeção da ONU no Iraque. A primeira revista anunciava que Bush já estava em guerra, descrevendo os preparativos do governo para entrar em ação. A capa desta edição já destacava a matéria e o enfoque da revista.



⁴⁵ Aziz, Tarek, IN Denaud, Patrick, *Iraque – a guerra permanente*. P. 135

⁴⁶ Blix, Hans, *Desarmando o Iraque – inspeção ou invasão?*. P. 5

⁴⁷ Idem. P. 26/27

Saddam aparece empunhando uma potente arma mirando em quem olha a capa da revista. Não há dúvidas que, apesar da chamada ser “Saddam está no alvo”, a foto da capa intimida o leitor, dando a impressão de que ele está no alvo, de que Saddam é uma ameaça.

Já a Carta Capital fez uma matéria avaliativa criticando o governo Bush por querer impor a invasão sem o apoio dos membros do Conselho de Segurança, e finalizou em tom de ironia:

“É muito improvável que o mundo possa escapar de mais uma operação civilizadora dos senhores do mundo.”
(Carta Capital, edição 227, p. 18)

Neste período pré-invasão as revistas fizeram um histórico dos personagens envolvidos no conflito. A Carta Capital publicou uma matéria avaliativa do inglês *The Observer* que traçava uma breve trajetória da vida e da carreira política de George Walker Bush, intitulada de “Do fundo do copo ao topo do poder”, uma alusão à sua fase alcoólatra. No texto é possível encontrar diversas frases que enfatizam hostilidade ao presidente:

“Há uma curiosa mistura de Bush o jovem traquinas, Bush o milionário de sorte, Bush o palhaço, Bush o político e agora Bush o guerreiro.” (Carta Capital, edição 227, p. 11)

“Aluno medíocre, dedicou contudo muita energia à sua presidência da fraternidade Delta Kappa Epsilon, acusada pelo *New York Times* da época de usar ritos de iniciação sádicos.” (Carta Capital, edição 227, p. 14)

“O mandato de Bush como governador não foi só uma ladainha de favores à indústria petrolífera, mas também um programa feito sob encomenda pra delícia dos novos amigos da Direita Cristã.” (Carta Capital, edição 227, p. 15)

Em outra matéria, “O império rejeitado”, de 26/02/2003, a Carta Capital aborda as manifestações de rua e as declarações de governantes contra a invasão e chama os EUA de “pretensos salvadores do mundo” e os membros da Casa Branca de “guerreiros de Washington”.

A revista Veja optou por traçar a vida de Saddam Hussein na matéria avaliativa intitulada “O califado do medo”. Assim como a Carta Capital optou por falar de Bush para criticá-lo e expor seus pontos fracos ou duvidosos, a Veja fez o mesmo com Saddam.

“O estado policial criado por Saddam Hussein, o senhor absoluto do Iraque há 23 anos, baseia-se numa única política – a do porrete.” (Veja, edição 1788, p. 66)

Nesta matéria Saddam é sempre designado como ditador ou tribal e somente são relatados episódios de tortura e ostentação. Mas na edição seguinte da revista, após inúmeras manifestações antiguerra, a Veja publica a seguinte capa:



A foto, que não favorece Bush, e o texto, dão a entender que a reportagem, desta vez, será negativa contra EUA: “Por que Bush enfurece o mundo – manifestações globais igualam o presidente americano ao ditador Saddam Hussein e ressurgem nas ruas o antiamericanismo que faz dos EUA o vilão do planeta”. Mas a matéria é recheada de contradições e acaba desinformando mais do que informando, além de impossibilitar para o leitor a compreensão dos dois lados em conflito:

“Sentimento em geral inconseqüente, o antiamericanismo ressurgiu na semana passada como uma força política global.” (Veja, edição 1791, p. 36)

“A questão central a enfrentar consiste numa resposta à pergunta: essa guerra dos americanos ao Iraque é justa? E a resposta, por enquanto, é que ela não é justa.” (Veja, edição 1791, p. 39)

“Comparar Bush e Saddam, concluindo que o americano é o Hitler da dupla, traduz má-fé ou ignorância.” (Veja, edição 1791, p. 39)

“Tirar Saddam do poder, com assassinato ou prisão, é uma medida justa, mas fazer uma guerra total ao povo iraquiano não é.” (Veja, edição 1791, p. 39)

“A suspeita de que Bush quer fazer a guerra só para se apossar dos campos petrolíferos do Iraque é infantil.” (Veja, edição 1791, p. 40)

“Esse antiamericanismo é uma distorção que pode ser percebida em formas diversas, mas carrega uma origem comum. (...) Além disso, os Estados Unidos têm valores, como a democracia e a liberdade absoluta de manifestação de idéias e crenças, que chocam todos aqueles que aprovam regimes totalitários, entre eles os radicais islâmicos.” (Veja, edição 1791, p. 40)

“Os americanos são ainda odiados por um motivo mais prosaico: porque há décadas vivem uma era de prosperidade sem igual na história humana.” (Veja, edição 1791, p. 40)

A matéria começa afirmando que o antiamericanismo é incoseqüente, imprudente, mas por outro lado, diz que a guerra não é justa. Mas se a guerra não é justa, talvez o antiamericanismo seja justificável. Depois diz que se existe alguém que possa ser comparado a Hitler nesta disputa, este alguém é Saddam, e que prende-lo ou mata-lo é justo. Até aqui está difícil entender se a guerra é considerada justa ou não. Mais adiante, a revista afirma que o argumento de que os norte-americanos invadiram o Iraque pelo petróleo é infantil, mas como vimos no início do capítulo, existem fortes interesses econômicos envolvidos nesta guerra. Em seguida, acusa o antiamericanismo de distorção, e diz que no fundo o que existe é inveja dos Estados Unidos por serem um país bem-sucedido e com valores democráticos. Mas então por que não odeiam o Canadá? Por que não odeiam a Suécia? Porque o antiamericanismo está relacionado à postura bélica norte-americana e à sua postura conservadora. Não são apenas os radicais islâmicos que condenam os EUA, como a matéria disse, até porque as manifestações apresentadas ocorreram em diversos países, inclusive da Europa. O antiamericanismo está presente nos países islâmicos, mas também está presente em muitos países da América Latina, como o Brasil, devido à ligação entre os norte-americanos e as ditaduras militares.

No entanto, mesmo sem o consenso da opinião pública e sem o apoio da ONU, em 17/03/03, o presidente Bush fez uma declaração - ou melhor uma ameaça - em rede nacional, pedindo a Saddam Hussein que se retirasse do Iraque em 48 horas. Foi assim que, vencido o prazo, em 19 de março, George Walker Bush iniciou sua busca por Saddam, um inimigo já conhecido da população norte-americana. A invasão ao Iraque começou com um depoimento do presidente Bush transmitido pela televisão explicando seus atos, e em seguida, na madrugada de 20 de março, todo o mundo já podia acompanhar o efeito de suas palavras e de seu armamento. A estratégia de combate inicial foi inspirada em Hiroshima e batizada de “choque e horror”.

3.2 A INVASÃO

A cobertura da Carta Capital nos dias seguintes à invasão foi marcada pelas críticas ao governo Bush e sua decisão totalitária e unilateral. Foram 70 páginas neste período em 30 matérias (capas abaixo). Todas elas apresentaram fotos ou ilustrações, 63% apresentaram depoimentos de outras pessoas e 16% eram matérias com entrevistas.



A primeira capa, com a manchete “E o Júnior foi à guerra...”, mostra o presidente dos Estados Unidos se preparando para um comunicado em rede nacional. A mão ao lado de Bush está segurando um secador de cabelo, mas a impressão que temos é de que estão apontando uma arma contra sua cabeça. A foto e a chamada ajudam a ridicularizar a imagem do presidente norte-americano, assim como muitas das matérias.

As outras duas capas, diferentemente da revista Veja, mostram o outro lado da guerra, o das vítimas iraquianas. A Carta Capital demonstrou sempre em suas matérias ser contra a invasão, e as fotos de vítimas ajudam a sensibilizar os leitores. Levantar questões sobre o papel do homem-bomba também ajuda a entender o outro lado do conflito, dado que esta figura não é tão presente no mundo ocidental.

A partir da invasão foi mais fácil perceber a posição da revista, que sempre caracteriza Bush de forma irônica, sendo convencional chamá-lo de “Júnior” - apesar de uma matéria de abril trata-lo como *Pit Bush*. As transcrições a seguir evidenciam este tratamento.

“O cavalheiro de pequenos olhos embaçados, muito próximos um do outro como na máscara do bobo da *Comedia dell’Arte*, surge no vídeo pouco depois das 22, hora local da quarta 19.” (Carta Capital, edição 233, p.16)

“Ninguém pode louvar, contudo, a prepotência da decisão americana.” (Carta Capital, edição 233, p.17)

“A invasão cria um clima de república da banana global e multiplica os protestos populares, as mortes e os receios de uma longa resistência.” (Carta Capital, edição 233, p.22)

“Há um toque grotesco na jactância dos invasores, na prosopopéia dos seus líderes, até nas olheiras fundas de Tony Blair.” (Carta Capital, edição 234, p.14)

“Para a oposição do sul do Iraque, o ditador de Bagdá pode ser um pequeno Satã, mas o grande mora em Washington.” (Carta Capital, edição 234, p.35)

“Merecido descanso, após uma semana ouvindo os discursos em *staccato* de um presidente, ou melhor, de um boneco de ventríloquo, e de um primeiro-ministro com tendências para teólogo, dada sua fé granítica na sua própria forma de pensar.” (Carta Capital, edição 234, p.38)

“Saddam exhibe o fanatismo de quem se considera escolhido por Deus, com poder de vida e morte sobre seu povo. Bush em teoria reconhece o direito do povo de eleger-lo (na prática não foi bem assim), mas se atribui a missão de levar a democracia a todos os rincões do planeta. É evidente nele uma dose de fanatismo napoleônico.” (Carta Capital, edição 235, p.16)

“São [os soldados norte-americanos], como mostram esses bisonhos caubóis de Bagdá, provincianos e deslumbrados, certos de que o mundo gira em torno do umbigo de Mr. Bush e de uma *apple pie*.” (Carta Capital, edição 236, p.21)

A *Veja* continuou apresentando contradições. Na capa da edição de 19/03/03 a manchete é “O erro de Bush – tratar essa guerra como uma cruzada do bem contra o mal” (capa abaixo), sendo que várias de suas matérias sempre distinguiram Bush de Saddam através da mesma lógica maniqueísta, um era o bom, democrático, cristão, e o outro era a personificação do mal, tirano, sanguinário, ditador.



No período que seguiu a invasão a Veja fez 28 matérias relacionadas ao conflito, totalizando 118 páginas (capas abaixo). 96% das matérias continham fotos ou ilustrações, 75% traziam depoimentos de outras pessoas e 25% apresentavam quadros complementares que ajudavam a compreender melhor a região, a população, o armamento envolvido, etc.



Estas capas ajudam a compreender o posicionamento da revista Veja. A primeira traz as imagens do bombardeio norte-americano à capital iraquiana, o que evidencia a superioridade tecnológica dos Estados Unidos, assim como algumas das matérias. A segunda traz um soldado norte-americano caído, aparentemente morto, resgatando a idéia da vitimização norte-americana, contrastando com a Carta Capital que traz fotos das vítimas do país invadido.

A terceira capa tem a seguinte manchete: “A face da derrota – a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos ao sul de Bagdá, agora

só falta conquistar a capital”. A foto traz um soldado iraquiano gritando, com a mão fechada e erguida, como se reivindicasse por algo. A legenda da foto complementa a ironia da manchete: “Soldado da guarda republicana, a melhor do Iraque, com capacete de plástico preso por pedaço de pano velho”. A Veja tenta desqualificar os soldados iraquianos, mas o curioso é que mesmo sem a tecnologia e equipamentos dos oponentes estes soldados continuam lutando.

A última capa, “O que vem agora?”, mostra um soldado norte-americano cobrindo o rosto de uma estátua de Saddam Hussein com uma bandeira dos Estados Unidos. A revista dá a entender que Saddam já faz parte do passado (apesar de ainda não ter sido capturado), e mostra a supremacia norte-americana. Nas transcrições a seguir será possível perceber características da cobertura da revista Veja que foram indicadas nas capas.

Foi principalmente nas matérias sobre o islã ou sobre a trajetória de Saddam Hussein que a Veja deixou transparecer suas opiniões e uma certa discriminação aos povos árabes. Na edição de 02/04/03 na matéria “A hora dos radicais”, podemos identificar uma visão orientalista da revista:

“Agora, o que existe são o rancor e o desencanto dos árabes com a modernidade do Ocidente e o medo do terrorismo nas capitais ocidentais. Graças à influência do Ocidente, as tribos árabes não mais se dizimam em lutas fratricidas no meio do deserto, genocídios particulares cujas dimensões nunca foram esclarecidas mas que ainda sobrevivem na tradição oral dos árabes.” (Veja, edição 1796, p. 62)

Este trecho mostra como a Veja coloca, em alguns momentos, o conflito entre EUA e Iraque como sendo uma batalha do Ocidente contra o Oriente. Generaliza toda a cultura árabe como se fosse composta de apenas um povo, e diz que se não fosse pelos ocidentais, estes “bárbaros” ainda estariam se matando. Mas eles ainda não estão se matando e matando outros? Quão envolvido está o Ocidente nas matanças que ocorrem até hoje na região? Não foi o Ocidente que apoiou líderes como Saddam Hussein e Osama bin Laden? Não é o Ocidente que apóia Israel na ocupação do território Palestino? Esta matéria revela um lado da revista que não aparece o tempo todo, mas quando vem a tona, é extremamente prejudicial ao leitor, pois é preconceituosa e desinformativa, e deve ser combatida como forma de jornalismo. O historiador Nicolau Sevcenko, em sua coluna na Carta Capital, escreveu sobre o problema da compreensão do conflito:

“A obsessão em demonizar Saddam Hussein, criatura por si só já suficientemente repugnante, acaba concentrando as responsabilidades catastróficas da guerra na pessoa dele, nos seus acólitos e no seu regime. Quando se trata então de entender por que essa gente é tão cruel, na falta de quaisquer outras informações relevantes, o que se sabe é só que eles pertencem a uma etnia diferente, têm uma cultura e religião diferentes, o que, portanto, muito provavelmente, tem algo a ver com seu comportamento anômalo. Já se você recorre a uma perspectiva histórica, o problema muda completamente de configuração.” (Carta Capital, edição 235, p.63)

3.3 AS MORTES

Os Estados Unidos iniciaram a invasão ao Iraque com ataques aéreos, bombas de 900 quilos e mais de 40 mísseis. Mas, apesar de todo armamento e tecnologia encontraram grupos insurgentes em todas as partes, tanto xiitas quanto sunitas, que independente do amor ou ódio a Saddam Hussein, não desejavam os norte-americanos em seu território. Portanto, com o intuito de demonstrar para o mundo que a situação no Iraque estava sob controle, e que provavelmente os conflitos não se estenderiam muito, Paul Bremer foi indicado, em maio, para administrador da Autoridade Provisória da Coalizão.

Em julho, o discurso das armas de destruição em massa no Iraque, utilizado por George Bush e endossado por Anthony Blair, começou a cair por terra. O primeiro vestígio da mentira foi um falso carregamento de urânio que Saddam teria comprado do Níger. O segundo foi o depoimento dado por David Kelly, cientista inglês que ajudou a preparar o dossiê sobre as armas no Iraque, para um meio de comunicação. O chamado “dossiê Iraque” dizia que, caso o governo iraquiano optasse por utilizar suas armas químicas, em 45 minutos efetuará o ataque, e que em cinco anos poderia desenvolver uma bomba atômica. Estes foram os argumentos mais poderosos para justificar a invasão, e no entanto, depois de alguns meses no Iraque as forças da coalizão não encontraram nenhuma prova da existência destas armas.

O “caso Kelly”, como ficou conhecido na imprensa, começou quando um jornalista inglês divulgou que havia escutado de uma fonte do governo que o “dossiê Iraque” havia sido “incrementado” com informações que ajudariam a fazer deste país uma verdadeira

ameaça. Tony Blair não estava disposto a deixar a acusação de lado e pressionou o Ministério da Defesa para descobrir quem era a fonte. Kelly foi apontado como tal, e assumiu ter conversado com o jornalista. Apesar de ter sido inocentado pelo Ministério após um inquérito na Câmara dos Comuns, logo depois Kelly foi encontrado morto em um bosque com o pulso cortado e uma caixa de remédios ao lado, aparentemente suicídio.

As revistas *Veja* e *Carta Capital* dedicaram pouco espaço ao tema, que merecia mais destaque, pois além de provar que Bush e Blair forjaram as provas sobre a existência de armas de destruição em massa no Iraque, culminou na morte de uma pessoa envolvida na mentira. A *Veja* publicou duas matérias e a *Carta Capital* apenas uma.

Para a sorte de Bush e Blair, na seqüência deste escândalo, as forças norte-americanas conseguiram capturar e matar os dois filhos de Saddam Hussein, Uday e Qusay. A cobertura deste evento foi extensa e gerou uma certa polêmica pois os Estados Unidos divulgaram fotos dos corpos, o que não é permitido segundo a Convenção de Genebra.

A *Carta Capital* publicou uma matéria que denunciava as torturas autorizadas pelos filhos de Saddam, mas que também condenava a ação norte-americana, como nos destaques abaixo:

“O fim dos filhos de Saddam não basta para disfarçar o desastre pelo qual Bush e Blair são responsáveis.”
(*Carta Capital*, edição 251, p. 18)

“A cortina de fumaça criada pela queima dos arquivos Qusay e Uday pelo pentágono quer esconder o fracasso da ocupação.” (*Carta Capital*, edição 251, p. 18)

A cobertura da *Veja* sobre o episódio foi mais negativa em relação à família Saddam. O filho mais velho, Uday, é chamado de “playboy psicopata” e “notório psicopata” na matéria intitulada de “Só falta Saddam”.

Em 19/08/03, o atentado a sede da ONU em Bagdá ganhou destaque em quase todos os meios de comunicação no Brasil, devido à morte do brasileiro Sérgio Vieira de Mello, que chefiava a missão no Iraque (capas abaixo). Foram mais de 900 quilos de munição que deixaram 23 mortos e mais de 100 feridos.



Na capa a Carta Capital já denuncia a ação norte-americana: “O império cava o abismo – os atentados e a morte de Vieira de Mello, símbolo da ONU, revelam o fracasso da doutrina Bush”; mas para a Veja a culpa não é dos americanos, e sim dos terroristas, como diz na chamada: “Terror sem limites”.

Na matéria chamada “Lições de abismo”, da Carta Capital, o tom de ironia volta a aparecer:

“Tudo isso dá boas razões a Bush Júnior para se preocupar com sua reeleição. A imprensa dita liberal pede-lhe para abandonar a postura de ‘caubói solitário’ e dividir a responsabilidade com as Nações Unidas.”(Carta Capital, edição 255, p. 25)

“Desta vez, a estupidez seria perpetrada em uma região ainda mais estratégica e sensível, cuja conflagração pode criar oportunidades para uma grave crise global de energia. E acirrar o maniqueísmo que opõe os fundamentalistas islâmicos a seus rivais entre os fiéis do cristianismo, do judaísmo e do mercado, convidando-os a inaugurar o verdadeiro terror biológico e nuclear. Seria o Império a dispensar a colaboração de outra superpotência para conduzir o mundo ao abismo.” (Carta Capital, edição 255, p. 26)

A Veja volta a adotar a fórmula de “dois pesos e duas medidas” para tratar do conflito. Com o intuito de condenar a ação terrorista que atingiu o prédio da ONU e matou o brasileiro Vieira de Mello, a revista usa argumentos simplistas para dizer que não existe um porquê nestes atos, retirando todo o contexto histórico, social e político que movem estes grupos.

“A bandeira erguida no momento por grupos terroristas árabes e islâmicos é a do antiamericanismo, sob o argumento de que agem em reação à invasão americana do Iraque. Trata-se de outra racionalização enganosa. Os terroristas não precisaram de nenhum pretexto objetivo para destruir as torres gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, o maior atentado terrorista da história. A falta de provocação prévia por

parte dos Estados Unidos não impediu que o ataque fosse meticulosamente planejado para ser o mais devastador possível.” (Veja, edição 1817, p. 47/48)

“Em essência, a lógica do terrorismo é a mesma do DNA da célula cancerígena: seu objetivo principal é reproduzir-se sem parar.” (Veja, edição 1817, p. 48)

Na tentativa de inocentar os Estados Unidos e boa parte do Ocidente pelos atos terroristas a Veja subinforma seus leitores, não permitindo que eles tenham uma visão completa do evento. As mortes causadas por estes atos terroristas devem ser tão condenáveis quanto as causadas pelo armamento e exército norte-americanos. Nos dois casos existem pessoas inocentes morrendo. Tratar os terroristas como “rebeldes sem causa” não ajuda a captar a complexidade da questão.

3.4 A CAPTURA DE SADDAM

Em 13/12/2003 o exército norte-americano capturou Saddam Hussein. Ele estava escondido em um buraco no solo com armas e dinheiro. O ex-presidente do Iraque se entregou sem resistência, e por isso surgiu a hipótese de que ele teria sido drogado e depois entregue aos soldados norte-americano, mas a teoria nunca foi comprovada.

A Carta Capital publicou uma matéria que enfocava as conseqüências da captura para o governo Bush.

“(…) Todos sabem que o ‘Conselho do Governo’ é um fantoche. Nessas condições, ‘entregar Saddam aos iraquianos’ é um forma hipócrita de a Casa Branca dirigir o espetáculo sem assumir a responsabilidade por desprezar as normas judiciais civilizadas.” (Carta Capital, edição 273, p.20)

“Do ponto de vista do interesse do ‘Conselho do Governo’ e da campanha eleitoral de Bush, o ideal seria um processo-espetáculo que finalizasse triunfalmente, com uma execução transmitida ao vivo para o Iraque e para o mundo, depois de lhes dar a oportunidade de divulgar as inúmeras atrocidades cometidas por Saddam contra seus opositores no Iraque em seus 35 anos de poder e fazer o mundo – ou pelo menos o eleitor norte-americano – esquecer a ilegitimidade da invasão, as barbaridades da ocupação.” (Carta Capital, edição 273, p.20/21)

Na verdade o que aconteceu após a captura não foi muito diferente do que sugeriu a matéria: o julgamento de Saddam ganhou aspectos de espetáculo e no final houve uma

execução, que segundo as autoridades, não deveria ser filmada, mas em pouco tempo a cena já estava sendo transmitida na televisão e na internet, no site *YouTube* ^{*}.

A matéria também trouxe uma pequena crítica sobre o modo como algumas autoridades descreveram Saddam durante a prisão.

“Depois de dez meses de confinamento em um esconderijo imundo, sua aparência inspirou metáforas animais em todas as facções: escondido em um ‘buraco de aranha’ segundo a tropa, foi ‘apanhado como um rato’ para a Casa Branca, mas parecia ‘um leão em cativeiro’ para sua orgulhosa filha Naghid em ‘lobo sedento de sangue’ para o inimigo iraniano, o aiatolá Khamenei. Mas o porta-voz do Vaticano se apiedou ao vê-lo tratado ‘como uma vaca’ pelos captores.” (Carta Capital, edição 273, p.20)

A revista *Veja* fez duas matérias sobre a prisão do ex-presidente Iraquiano. A primeira, e também a maior, ironizava a situação em que Saddam Hussein foi capturado e realçava os problemas de seu governo.

“Saddam Hussein, o ungido, Glorioso Líder, Descendente direto do Profeta, Presidente do Iraque, Presidente de se Conselho de Comando da Revolução, Marecha-de-Campo de seus exércitos, Grande Tio de todos os seus clãs e tribos, Comandante-em-Chefe da Imortal Mãe de Todas as Batalhas, foi descoberto num buraco, na noite de sábado 13. O tirano que dispunha de 23 palácios para uso pessoal tinha se escondido numa cova de 1,80 por 2,40 metros, com uma tampa de concreto camuflada de lixo. Saddam, que propalava ser a personificação da tradição guerreira árabe, (...) entregou-se sem resistência.” (Veja, edição 1835, p. 34)

“Poucas vezes se viu um líder nacional em momento de tal fraqueza e humilhação. As imagens feitas na prisão o mostram com aspecto de indigente e aparentando bem mais que seus 66 anos. A barba espessa, os cabelos desalinhados e o olhar embaçado, enquanto um médico militar americano o examina minuciosamente com luvas de borracha, denunciam o fim melancólico de um dos tiranos mais sanguinários dos tempos modernos.” (Veja, edição 1835, p. 35/36)

A *Veja* também fez suposições sobre o julgamento de Saddam, e estas pouco diferem das levantadas pela Carta Capital. Para a *Veja* a exposição dos atos cometidos por Saddam legitimam a invasão norte-americana.

“O julgamento de Saddam, que pode se transformar num grande show com transmissão direta pela televisão, é importante para mostrar aos iraquianos e ao mundo todas as atrocidades cometidas pelo regime e dar legitimidade à invasão militar americana que o derrubou.” (Veja, edição 1835, p. 41)

A segunda matéria abordou a postura de Bush após a captura de Saddam, com um tom de crítica ao presidente norte-americano.

* O *YouTube* é um site onde os usuários podem assistir e compartilhar vídeos em formato digital. Ver

“Se a personalidade das pessoas tivesse morada numa parte do corpo humano, a de Bush estaria alojada nos punhos. Na guerra contra o tirano Saddam Hussein, Bush sempre foi Bush: triunfal, às vezes messiânico, outras arrogante. No dia seguinte à captura do ex-ditador, Bush fez um pronunciamento ao povo americano pela televisão, falou durante três minutos, e não parecia Bush. Foi sensato e sóbrio, cuidadoso e comedido. Nada de triunfalismo.” (Veja, edição 1835, p. 42)

Mais uma vez é possível identificar a contradição da revista, pois várias matérias defenderam a invasão e postura do governo Bush, e de repente surge algo diferente, textos que criticam, muitas vezes, o que foi elogiado anteriormente.

3.5 ATENTADOS DE 11 DE MARÇO

Em 11/03/04 dez bombas explodiram em estações de trem de Madri deixando aproximadamente 200 mortos e 1500 feridos. O primeiro ministro espanhol José María Aznar condenou os atentados e o grupo que, segundo ele, havia executado a ação: o ETA, o grupo separatista basco. Mas, logo depois, surgiram declarações de grupos terroristas islâmicos, ligados a Al Qaeda, declarando que os ataques foram uma resposta ao apoio do governo espanhol ao governo norte-americano na invasão ao Iraque. Além disso, foram encontrados, perto da estação, detonadores junto com uma fita em árabe.

Milhares de pessoas saíram às ruas da Espanha para protestar contra a declaração de Aznar, pois a grande maioria da população espanhola sempre foi contra este apoio militar. Aznar teve que recuar, mas o efeito foi devastador. As eleições na Espanha estavam próximas e ele não conseguiu se recuperar, e quem venceu o pleito foi José Luis Rodríguez Zapatero.

A revista Veja dedicou cinco matérias aos ataques totalizando quinze páginas, enquanto na Carta Capital foram sete matérias em dezenove páginas. Ambas deram capa na semana do 11/03, com fotos de mortos no atentado. A Veja mostrou uma capa mais chocante, pois podíamos ver o rosto de uma mulher, enquanto na foto da Carta Capital apareciam apenas corpos cobertos por um saco preto. Além disso, a manchete da Veja mais uma vez tenta nos amedrontar: “As vítimas somos todos nós”. Podemos considerar que a

humanidade foi vítima de um ato terrível, mas estes atentados não estão tão próximos à realidade brasileira para nos considerarmos vítimas.



A *Veja* optou por enfatizar o horror das explosões durante a cobertura e alertar para o “mal”. Na matéria intitulada “11 de março de 2004 – o século marcado pelo signo do terror”, o jornalista faz questão de realçar como o terrorismo mudou o mundo nos últimos anos, e que hoje ele é o maior de todos os males. Segundo a revista os terroristas não tem objetivos, apenas matam por matar.

“Até mesmo porque os terroristas desse começo de século não têm exigências que possam ser atendidas. Esse é seu truque diabólico. (...) A bandeira erguida pelos grupos terroristas árabes e islâmicos é tão difusa que não há possibilidade de conciliação. Uma carta atribuída a um grupo islâmico diz que os atentados em Madri foram a resposta ao apoio espanhol à invasão americana do Iraque. Trata-se de uma explicação oportunista. Os terroristas não precisaram de nenhum pretexto objetivo para destruir as torres gêmeas do *World Trade Center*, em 2001.” (*Veja*, edição 1845, p.46)

Os terroristas têm sim diversas exigências, se elas são ou não atendidas é outra questão, mas não podemos esvaziar estes atos de seu significado político. Eles não são movidos apenas por uma força “diabólica”, e sim por toda opressão e intervenção que seus países já sofreram dos ocidentais.

“O terrorismo não é alguma semente mutacionista cultivada na estufa do Demônio. É o produto de ideologias intoxicantes e fanatismo religioso, bem como de circunstâncias históricas, para as quais os Estados Unidos, com seu extraordinário poderio militar, econômico e cultural, contribuíram de alguma forma – seja inadvertidamente, seja por meio de ambições imperialistas, ou talvez, com maior probabilidade, pela conjunção confusa dos dois fatores.”⁴⁸

⁴⁸ Barber, Benjamin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. P. 81.

No mesmo texto em que o jornalista diz que os terroristas não têm exigências, ele cita a declaração que os autores do atentado de Madri fizeram, afirmando ser o ato uma resposta ao governo espanhol ter enviado tropas para o Iraque. Não se trata de uma “explicação oportunista”, assim como no 11/09, o ataque foi uma resposta às inúmeras ações norte-americanas no Oriente Médio.

Mais adiante, na mesma matéria, o jornalista defende sutilmente a ação norte-americana contra o terror:

“O continente [Europa] terá agora de ser mais compreensivo em relação aos países que enfrentam com medidas duras o terrorismo.” (Veja, edição 1845, p.47)

A Veja não foi capaz de enxergar uma maneira diferente de reagir ao terrorismo, e acabou optando pelo estilo de Bush . O povo espanhol escolheu uma outra alternativa, ao invés de reforçar as tropas e aumentar a ofensiva, elegeu um representante que tinha como proposta recolher os soldados do Iraque.

Em outra matéria, “Um espectro ronda a Europa – é o do terrorismo que mata e mutila homens e mulheres, para matar e mutilar valores e princípios”, a revista relata que as manifestações que ocorreram na Espanha após os atentados eram contra os ataques, mas oculta que eram também contra as declarações do primeiro ministro José María Aznar.

“Nos gritos de ‘basta’, nas mãos pintadas de branco, nos braços entrelaçados, nas faixas com frases de espanto e repúdio, nas velas acesas pelas vítimas do atentado, a barreira contra o terror não era só humana.” (Veja, edição 1845, p.51)

Mas o “basta” era principalmente para as mentiras do governo.

Na edição seguinte o tom da revista Veja permaneceu o mesmo: matérias abordando o terrorismo como mal supremo, atentado de 11/03 classificado sempre como massacre, e os terroristas designados como “inimigos da civilização”. As matérias também associavam sempre o ataque ao Iraque - não no sentido dado pelos terroristas, de resposta à invasão – como forma de justificar a invasão.

“Não é verdade que nada tenha sido feito para conter a sanha dos inimigos da civilização. Os americanos destruíram um governo que dava santuário aos terroristas - o da milícia talibã, no Afeganistão – e derrubaram o ditador iraquiano Saddam Hussein.” (Veja, edição 1846, p.95)

A Veja deu apenas uma página, durante toda a cobertura do 11/03, sobre as declarações do governo Aznar em relação aos culpados pelos atentados, na matéria “Não me engana que eu não gosto”.

“A lição para Aznar, e para quem quiser aprender, é que se no tempo do presidente americano Abraham Lincoln (1809-1865), como ele mesmo disse, ‘não se pode enganar todo o povo todo o tempo’, atualmente, com a velocidade de circulação das informações, não se pode enganar o povo mais do que algumas poucas horas.” (Veja, edição 1846, p.98)

Já a Carta Capital insistiu em escancarar a mentira do governo Aznar, e deixou claro sua preferência pelo candidato do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), como na matéria “Espanha, mentiras e videotapes”:

“Até hoje Bush insiste: o ETA tem a ver com a história. Berlusconi não deixa por menos. E a mídia fiel ao imperador e ao seu vassalo declama: a derrota de Aznar é a vitória do terrorismo. (...) O povo espanhol dá, porém, e de verdade, um esplêndido exemplo ao mundo em peso. O êxito irresistível de Zapatero é o revés da mentira. Dos pinóquios que infestam o planeta. Da hipocrisia que pretende encobrir a prepotência.” (Carta Capital, edição 282, p.20)

“A invasão do Iraque é a prova dos nove de uma combinação tão má quanto o terrorismo, entre a arrogância e a incompetência do mais forte.” (Carta Capital, edição 282, p.20)

“Nos seus estertores, o governo Aznar empenhou-se até a medula para validar a mentira. Sem êxito.” (Carta Capital, edição 282, p.20)

Na edição seguinte a mentira continuou sendo o grande alvo, e não foram poupados elogios a Zapatero:

“Foi preciso muito desembaraço na falsificação da verdade, que Aznar não soube imitar: em levantamento recente, o deputado democrata Henry Waxman contou 237 afirmações enganosas feitas por Bush, pelo seu vice-presidente, Dick Cheney, pelo secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, pelo secretário de Estado, Colin Powell, e pela conselheira de Segurança Nacional, Condoleezza Rice, em 125 aparições públicas. Blair e as ‘armas de destruição em massa prontas para disparar em 45 minutos’ também viraram piada.” (Carta Capital, edição 283, p.26)

“Por ora, alguns pontos são pacíficos: Zapatero é carismático, grande orador, enquanto Aznar lembra boneco de ventríloquo, e tem habilidades oratórias semelhantes às de Bush.” (Carta Capital, edição 283, p.29)

A ligação entre o atentado em Madri e a invasão ao Iraque também apareceu na Carta Capital, mostrando que a ação norte-americana foi precipitada e equivocada. E Bush, continuou sendo Júnior.

“Obviamente, a derrota não foi só de Aznar, mas também de Bush Júnior e de todos os governos que o apoiaram no Iraque, principalmente os do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, e de seu colega italiano, Silvio Berlusconi.” (Carta Capital, edição 283, p.25)

“Rodríguez Zapatero e seus eleitores sabem que tirar os espanhóis do Iraque não evitará novos ataques. Sua escolha não é ceder ao terrorismo, mas enfrenta-lo de forma racional – o que, para a Al-Qaeda, pode ser muito menos desejável que a histeria alimentada por Bush Júnior e seus acólitos.” (Carta Capital, edição 283, p.26)

“Abriram-se novas frentes de luta e de novos campos de recrutamento [para o terrorismo], no Iraque conflagrado e entre árabes e muçulmanos de todo o mundo, que viram seu povo e sua cultura transformados em alvos de uma mal disfarçada cruzada à moda da Idade Média.” (Carta Capital, edição 283, p.26)

Os atentados de Madri ocorreram exatamente dois anos e meio após o fatídico 11/09, e um ano após o início da invasão ao Iraque. A Carta Capital aproveitou a oportunidade para mostrar que um ano de ocupação do Iraque não trouxe avanços, apenas mortes – de norte-americanos, iraquianos, espanhóis... A matéria, de 31/03/04, trouxe a seguinte chamada: “E o império ficou nu – as mentiras das equipes de Bush e Blair tiveram pernas curtas, mas suas conseqüências vão cada vez mais longe”.

“No sábado 20, os que participaram das centenas de manifestações de repúdio à invasão do Iraque em seu primeiro aniversário podiam ter a certeza de que os 12 milhões que há um ano tentaram impedir a invasão nas ruas tinham razão. As justificativas tão teimosamente repetidas por Washington e Londres eram mentiras que reduziram a ordem e a cooperação internacionais a uma farsa e desacreditaram os EUA e seus aliados. (...) O secretário de Estado, Colin Powell, insiste no mesmo teatro do absurdo: na sexta-feira 19, em sua visita-surpresa ao Iraque, comemorou que os vizinhos do Iraque ‘não mais precisam temer as armas químicas de Saddam’, nas quais o próprio chefe dos inspetores dos EUA no Iraque, David Kay, já não acredita.” (Carta Capital, edição 284, p.32)

3.6 ATAQUE EM FALLUJA

No mês seguinte, em abril, iraquianos mataram quatro norte-americanos em Falluja, e expuseram seus corpos mutilados pendurados em uma ponte da cidade. Uma rede de televisão local filmou essas imagens, que rapidamente chegaram ao Ocidente, causando repúdio geral, principalmente nos EUA. A Veja detalhou o ocorrido na matéria “Show de horror em cidade iraquiana – multidão massacra civis americanos e mutila seus corpos em explosão de ódio selvagem”. A minúcia com que foi relatado o “massacre selvagem” nos

faz lembrar um os jornais sensacionalistas, que fazem questão de esmiuçar os pormenores mais sórdidos.

“Os dois carros em que viajavam [os norte-americanos] tinham sido metralhados por guerrilheiros, mas um deles foi tirado com vida dos escombros. O americano ferido mal teve tempo de implorar por ajuda. Foi linchado pela multidão. Os corpos foram então queimados, espancados, espetados com ferros e finalmente desmembrados. Um pedaço de carne, talvez um braço, foi amarrado com barbante a um tijolo e pendurado num fio de energia elétrica – do jeito que as crianças brasileiras fazem com tênis velhos. Os cadáveres esquartejados e calcinados dos dois americanos que ocupavam o segundo jipe foram arrastados algumas quadras até uma ponte sobre o Rio Eufrates. Ali, foram pendurados de cabeça para baixo e apedrejados, para delírio da turba, que xingava o presidente americano George W. Bush.” (Veja, edição 1848, p.73)

A revista diz na manchete – e em outras partes da matéria - que os norte-americanos que tiveram os “corpos trucidados” eram civis, mas mais adiante a revista explica:

“O massacre dos civis americanos - que eram guardas de segurança contratados para substituir soldados em algumas tarefas (...).” (Veja, edição 1848, p.73)

Se as vítimas eram guardas substituindo soldados, não podem ser consideradas civis, pois existe um caráter militar. Portanto, a revista utilizou uma terminologia errada, mas que possui mais apelo, nos faz sentir com mais pena das vítimas, pois as coloca em uma posição de indefesa, quando na verdade, estes seguranças sabiam o risco que corriam ao aceitar o cargo, e infelizmente, morreram em combate. É praticamente impossível comparar a cobertura deste episódio entre a Veja e Carta Capital. A segunda revista optou por fazer uma breve matéria sobre os últimos movimentos dos insurgentes em todo país, retratando o caos em que se encontra o Iraque, e apenas citou o episódio em Falluja.

“Outros insurgentes também aproveitaram a oportunidade e alguns deles mataram cinco mercenários a serviço da empresa Blackwater em Fallujah, bem dentro da região sunita.” (Carta Capital, edição 286, p.24)

“A menos de três meses da programada devolução da soberania ao Iraque, o país está cada vez mais parecido com o Vietnã de Kennedy e mais perto de se tornar completamente ingovernável.” (Carta Capital, edição 286, p.24)

A Veja optou por vitimizar os norte-americanos assassinados em Falluja, descrevendo-os como civis e relatando a forma como morreram. A Carta Capital optou por denunciar o fracasso da invasão, comparando o conflito com o Vietnã, e caracterizando os mortos como mercenários, amenizando um possível sentimento de compaixão.



“Numa fotografia, a soldado England, com um cigarro pendurado na boca, rindo, faz sinais de positivo com os polegares para cima apontando os genitais de um jovem iraquiano, que está nu, exceto por um saco de areia na cabeça, enquanto ele se masturba. Há três outros prisioneiros iraquianos encapuzados com as mãos cobrindo os genitais num ato de reflexo. Um quinto prisioneiro está com as mãos nos lados do seu corpo. Numa outra, England está em pé de braços dados com o cabo Grener; ambos riem e mostram os polegares para cima atrás de talvez sete iraquianos nus, joelhos curvados, empilhados de qualquer modo, uns sobre os outros. Há uma outra fotografia de vários prisioneiros nus, novamente empilhados numa pirâmide. Perto deles está Grener, sorrindo, de braços cruzados; a cabo Sabrina Harman está na frente dele, curvada, e também sorri. Há um outro monte de corpos encapuzados com uma soldado em pé, na frente, tirando fotos. Outra fotografia mostra, ainda, um prisioneiro sem capuz, de joelhos, nu, a cabeça ligeiramente desviada da máquina fotográfica, posando como se estivesse fazendo sexo oral num outro prisioneiro que está nu e com capuz.”⁴⁹

“Uma delas mostra um jovem soldado vestindo uma jaqueta escura sobre o uniforme e sorrindo para a máquina no corredor da prisão. Atrás há dois treinadores de cães do exército, com roupa e equipamento

⁴⁹ Hersh, Seymour M., *Cadeia de comando*. P. 43-44.

completo de camuflagem de combate, segurando dois pastores alemães. Os cachorros latem para um homem parcialmente obscurecido pelo soldado sorridente no visor da máquina fotográfica. Uma outra imagem mostra que o homem, um prisioneiro iraquiano, está nu. As mãos estão presas atrás do pescoço e ele se inclina na porta da cela, contorcido pelo medo, enquanto os cães latem a 30 centímetros de distância. Outras fotografias mostram cachorros puxando as correntes, grunhindo para os prisioneiros. Em outra, tirada alguns minutos depois, o iraquiano está deitado no chão, contorcido pela dor, com um soldado sentado em cima dele, o joelho pressionando suas costas. Há sangue escorrendo da perna do detento. Uma outra fotografia é um *close* do detento nu, da cintura até os calcanhares, deitado no chão. A coxa direita mostra o que aparenta ser uma mordida ou um arranhão profundo. Há um outro ferimento grande na perna esquerda, coberta de sangue.”⁵⁰

Após a publicação deste material, todas as fontes do governo disseram que nunca tiveram conhecimento sobre as torturas e condenaram as fotografias tiradas na prisão, mas é evidente que estes atos não podem ser atribuídos apenas aos soldados envolvidos. As torturas refletem a postura do governo e do exército norte-americano com os iraquianos considerados inimigos, se os soldados tinham esse sentimento de repugnância em relação aos prisioneiros provavelmente não eram os únicos.

“(…) Por que sargentos e soldados rasos que se comportam mal nas prisões do Iraque são considerados culpados, enquanto um secretário da Defesa e um presidente que dizem que na guerra contra o terrorismo ‘vale tudo’ são inocentes?”⁵¹

“O que as imagens de Abu Ghraib indicam é a ubiqüidade potencial do fator perversidade no comportamento humano, e quão facilmente uma estratégia do medo implementada por moralistas americanos dogmáticos é capaz de fazer a perversidade se manifestar.”⁵²

A *Veja* publicou três matérias sobre as torturas. Na manchete da principal matéria sobre o tema, “Vergonha nacional – a crise provocada pelas cenas de soldados americanos torturando presos no Iraque pode derrubar Rumsfeld”, podemos perceber que a preocupação da revista está na crise política ocasionada pelas cenas, e não no horror que elas representam. No texto ainda mencionam a tortura como um meio eficaz de obter informações de prisioneiros.

“Os americanos estão descobrindo agora o que dirigentes militares brasileiros mais perspicazes constataram na época em que estiveram no poder. A tortura é um instrumento eficaz para quebrar a resistência e extrair informações dos torturados – e também para desmoralizar o torturador.” (Veja, edição 1853, p.76)

⁵⁰ Idem. P. 55-56.

⁵¹ Barber, Benjamin R., *O império do medo – guerra terrorismo e democracia*. P. 19.

⁵² Idem. P. 16.

“De positivo, pelo menos, foi que o país, através de suas instituições, desde a mídia até o Congresso, despertou para a gravidade representada por atos como os retratados nas fotos desta página.” (Veja, edição 1853, p.76)

No mínimo, ao ler estes trechos da matéria, podemos acusar a revista de falta de sensibilidade, por citar a eficiência e destacar o lado positivo da tortura, em um país que sofreu recentemente com atos deste tipo. Além disso, muitas vezes substituíram o termo “tortura” por “abuso”, o que ameniza um pouco, pois o primeiro termo traz em seu significado a violência, enquanto o segundo traz a idéia de excesso, de mau uso de algo.

O que chama a atenção na cobertura da Veja é a parcialidade, pois entre as cenas chocantes de Falluja e Abu Ghraib passou apenas um mês, e no primeiro episódio a matéria descrevia com detalhes o acontecimento para que os leitores conseguissem visualizar todo o horror, enquanto que no segundo episódio as torturas foram descritas superficialmente.

A Carta Capital escreveu cinco matérias sobre as torturas no Iraque. Em uma delas, “O dia em que a guerra foi perdida”, a revista compara o governo Bush ao de Saddam:

“Massacres e tortura... é cada vez mais difícil distinguir os EUA de Saddam.” (Carta Capital, edição 289, p.20)

Em outra matéria, “No coração da Idade Média – o desprezo pela dignidade humana do inimigo volta-se contra a própria civilização”, a revista critica a postura de Bush diante das cenas de tortura e aponta a conivência de membros do Pentágono nesta ação.

“Bush júnior não quis forçar-se a pedir perdão aos árabes e à humanidade em nome de seu governo e de seus soldados. Preferiu, mais uma vez, eximir-se de responsabilidade e descarregou-a sobre meia dúzia de pracinhas. Escolhidos como bodes expiatórios de um crime certamente prescrito e incentivado por escalões muito mais altos, como em Guantánamo, no Afeganistão e na Escola das Américas.” (Carta Capital, edição 291, p.19)

A principal diferença entre a cobertura da Carta Capital, em relação à Veja, nos episódios de Abu Ghraib, é que a primeira sugere o envolvimento de pessoas de alto escalão e que as torturas eram possivelmente conhecidas e autorizadas, e portanto, cobra uma posição mais efetiva do presidente Bush sobre estes atos tão violentos e humilhantes.

3.8 O GOVERNO PROVISÓRIO

Os EUA marcaram para 30 de junho de 2004 a posse do governo provisório no Iraque, quinze meses após a invasão. Até esta data já haviam 900 soldados norte-americanos mortos. Os escolhidos para governar o país foram Ghazi Ajil al-Yawar, presidente nomeado pela ONU, e Iyad Allawi, primeiro-ministro. Allawi já possuía relações com o governo dos Estados Unidos, pois foi financiado pela CIA, após fugir do Iraque, tendo sido membro importante do Baath e do serviço secreto iraquiano.

Este seria o primeiro passo, segundo o governo Bush, para restituir a soberania aos iraquianos; no mês seguinte seria escolhido um Parlamento provisório através de representantes dos grupos étnicos. Este governo provisório permaneceu até a eleição, em janeiro de 2005.

As duas revistas noticiaram a mudança de governo fazendo um balanço da intervenção norte-americana. A *Veja* apresentou duas matérias. “O caos sob nova direção – quinze meses depois de invadir o Iraque, os americanos entregam um país convulsionado ao governo provisório”, relata a violência em que o país se encontrava, e ressaltando o aumento de atos terroristas. A matéria chama Saddam de terrorista e ditador, como é característico da revista.

“A invasão americana os livrou de um ditador de crueldade e ambição sem limites.” (Veja, edição 1859, p.85)

A matéria também cita o otimismo da população iraquiana em relação ao novo governo, e elogia o planejamento da transição:

“O otimismo iraquiano com a mudança reflete a qualidade da engenharia política que marcou a formação do governo provisório.” (Veja, edição 1859, p.85)

A outra matéria aborda a vida de Iyad Allawi, primeiro-ministro, e traz a seguinte manchete: “O risco de um novo Saddam: primeiro-ministro do Iraque tem a missão de insuflar a democracia – e a tentação de ceder à tradição ditatorial”. Considerando seu passado “linha-dura” a revista se pergunta se não estaríamos diante de “mais um aspirante a ditador, com o indispensável componente de crueldade e barbárie”.

“Se nem os americanos resistiram à tentação de partir para a violação dos direitos humanos no combate ao terrorismo, imagine-se o grau de autocontrole exigido de um homem com o DNA político-cultural de Allawi.” (Veja, edição 1863, p.55)

A Carta Capital produziu três matérias abordando o tema. A primeira, “Uma questão de semântica – os EUA querem que a ONU aceite uma curiosa redefinição do conceito de soberania”, critica o governo provisório pelo fato de ser anunciado pelos Estados Unidos como uma data para “devolução da soberania”, quando na verdade os iraquianos não terão direito de decidir nem sobre a permanência das tropas estrangeiras.

“Os EUA pretendem restituir a ‘soberania’, na data marcada, com a condição de manter a liberdade de ação de suas tropas (ponto em relação ao qual o próprio Tony Blair parece discordar), o controle do petróleo (administrado por um conselho de cinco membros, no qual o Iraque teria um assento – isso mesmo: só um) e a aceitação, pela ONU e pelo novo governo iraquiano, de um mandato de um ano para as forças de ocupação, com possibilidade de renovação.” (Carta Capital, edição 293, p.24)

Na segunda matéria, “Bush e a baixa do QI global – o imperador compara a guerra colonial do Iraque ao desembarque da Normandia”, a comparação citada na manchete é alvo de críticas.

“Já a comparação está sintonizada à perfeição com a baixa progressiva do QI global.(...) O quanto a hipocrisia contribua para a decadência da capacidade de raciocínio do ser humano é difícil estabelecer, embora seja decerto contribuição notável. Trata-se da hipocrisia de quem manda e sabe manipular a audiência. Está claro, de todo modo, que os autores do espetáculo contam com a falta de espírito crítico por parte da platéia.” (Carta Capital, edição 294, p.18)

Ao abordar o governo provisório diz que o cargo é puramente “decorativo”:

“A provisoriedade do governo pretende justificar a permanência em mãos americanas do comando das forças de ocupação.” (Carta Capital, edição 294, p.18)

Na matéria “Nada a celebrar – está difícil convencer os iraquianos e o mundo de que passou a existir uma espécie de governo independente em Bagdá” a forma como foi declarada a passagem de poder para os iraquianos é criticada e retratada como “furtiva”. Mais uma vez a revista se questiona sobre a efetividade deste novo cargo de presidente e de George W. Bush em resolver a questão no Iraque:

“(...) Os iraquianos sabem muito bem que o verdadeiro palácio do governo continuará a ser a embaixada dos EUA – que, com 1.700 funcionários, é a maior ‘representação diplomática’ do planeta.” (Carta Capital, edição 298, p.34)

“O futuro do Oriente Médio parece mais obscuro hoje do que há dois anos e o mesmo pode-se dizer do governo Bush.” (Carta Capital, edição 298, p.35)

3.9 AS ELEIÇÕES NORTE-AMERICANAS

Em outubro as revistas começaram a dar mais destaque para as eleições presidenciais nos EUA, marcadas para 02 de novembro. O primeiro debate da campanha ocorreu em 30 de setembro e as duas revistas noticiaram o fato. A invasão ao Iraque e o descontrole da situação após 1 ano e meio de guerra foram temas importantes na decisão do eleitorado, e também ganharam destaque nas coberturas das revistas.



A capa da Veja chama a atenção com a imagem de estátua da liberdade de olho roxo e a seguinte chamada: “Mais um soco na democracia – os americanos vão votar com medo de que o pesadelo de 2000 se repita e as urnas não apontem um presidente legitimamente eleito”. Mas apesar da denúncia de corrupção na eleição de Bush, a revista apresentou uma pesquisa, sem trazer a fonte, que apontava a preferência do eleitorado pelo presidente. Segue uma reprodução do quadro publicado pela revista em 06/10/2004 (p.90/91):

GANHA, MAS NÃO LEVA O desempenho de Kerry não foi suficiente para alterar a intenção de votos nas pesquisas	Quem venceu o debate?		Qual foi o candidato mais simpático?	
	KERRY	BUSH	KERRY	BUSH
	45%	36%	41%	48%

	Qual é o melhor candidato?		Qual é o melhor candidato para resolver a crise no Iraque?	
	BUSH	KERRY	BUSH	KERRY

ANTES DO DEBATE

DEPOIS DO DEBATE

	50%	46%	54%	40%
	51%	47%	54%	43%

A escolha da revista por apresentar uma pesquisa sem divulgar a fonte nos faz questionar a veracidade dos dados apresentados, e juntamente com o texto, nos leva a crer em uma preferência da Veja pelo candidato republicano.

“As diferenças de estilo e de personalidade entre os dois candidatos, que ajudam a explicar a preferência do eleitorado, já são suficientemente conhecidas. Bush é claro, direto, preto-no-branco. Disse que vai pegar os caras malvados que querem praticar atrocidades contra os americanos – e o discurso continua a convencer a maioria do público, mesmo que a situação no Iraque pareça cada vez mais descolada da campanha original contra o terrorismo fundamentalista. Kerry, além da imagem de sujeito que ora diz uma coisa, ora outra, ainda cumpre um papel desagradável: o do candidato das más notícias. A coisa no Iraque vai mal, diz ele.” (Veja, edição 1874, p.91/92)

Em outra edição, a revista apresentou uma pesquisa, feita pelo Gallup, sobre o desempenho dos candidatos no último debate, e a vitória foi para Kerry. O texto apenas relatou os pontos mais contrastantes no debate. A matéria finaliza dizendo que o senador Kerry conseguiu recuperar, através dos debates televisivos, os pontos perdidos e empatar com Bush nas pesquisas, mas a última frase, mais uma vez aponta as contradições da Veja.

“Kerry retornou ao jogo da campanha, mas está longe de ser o favorito. Não significa que já ganhou.” (Veja, edição 1876, p.115)

A incoerência da revista continua, e pode ser percebida na matéria intitulada “Bush bis? Ninguém merece – Se o mundo tiver de enfrentar mais quatro anos com o presidente americano, há duas hipóteses: uma não muito boa, outra pior ainda”.

“Não é difícil imaginar a reação mundial se George W. Bush perder a eleição: um suspiro de alívio de dimensões planetárias. E se ele ganhar, o mundo agüenta mais quatro anos com esse presidente agressivo, incompetente e perigoso para os próprios interesses superiores dos Estados Unidos e do resto da humanidade?” (Veja, edição 1878, p.108)

“O mundo já tem problemas demais – não precisa de George Bush para aumenta-los mais ainda.” (Veja, edição 1878, p.109)

Após a vitória do candidato republicano a revista continuou criticando o governo Bush, diferente do que fez durante a maior parte do ano.

“A se confirmarem as mais pessimistas análises sobre sua irrefutável vitória nas urnas, na semana passada, o Bush II tenderá a ser um período de obscurantismo de motivação religiosa, de trevas na pesquisa científica e de retrocesso nas relações sociais. (...) O triunfo eleitoral de Bush está ancorado em um programa que reflete o que os Estados Unidos têm de mais obscurantista, intolerante e provinciano – a extrema direita religiosa.” (Veja, edição 1879, p.117)

“A reeleição de Bush impõe ao resto do planeta mais quatro anos de agonia.” (Veja, edição 1879, p.120)

“Uma característica do presidente Bush que o põe à frente dos adversários é a simplicidade. Ele é um homem simples em tudo o que diz e faz. Faz o mesmo discurso em todas as oportunidades. Suas frases são curtas e claras. ‘O governo precisa fazer coisas, e fazê-las bem-feito’, diz com convicção, como se isso significasse alguma coisa.” (Veja, edição 1879, p.124)

A Carta Capital, em oposição a Veja, apresentou uma pesquisa feita com brasileiros que evidenciou a preferência por Kerry. A pesquisa (realizada pela empresa GlobeScan e a Universidade de Maryland) apontou que 57% votaria no democrata, enquanto 14% votaria em Bush. E mais uma vez, a revista deixa claro sua opinião sobre a candidatura Bush, tanto nas matérias como na capa mostrada anteriormente, que traz a foto de Bush fazendo um sinal de positivo com o polegar para cima e a chamada: “Dane-se o mundo”.

“Na noite de quinta, 30, deu-se o primeiro debate público de Bush vs. Kerry. Há quem diga que o primeiro é mais eficaz do ponto de vista midiático. Em compensação, o segundo fica menos distante da verdade factual. (...) É inegável que a derrota de Bush representaria um alívio para a humanidade. Mas a vitória de Kerry não significaria mudança no cenário geopolítico mundial. E resta a conclusão, estarrecidora: o povo americano, centro do império e primeira fonte no poder, fornece a contribuição decisiva ao lado maniqueu. Imensa, aterradora zona de sombra, onde obscurece o mundo e soçobra a razão.” (Carta Capital, edição 311, p.18)

Na edição de 03 de novembro, após a eleição, mas antes do resultado, a revista deixa clara sua posição pró-Kerry e ridiculariza Bush na matéria “O caçador de pombas”.

“Para vencer as eleições, George W. Bush precisa continuar vendendo a imagem que criou para si mesmo e para vários de seus conterrâneos: a de que ele é durão, macho para chuchu.” (Carta Capital, edição 315, p.40)

“De outro ângulo, a tática de Bush, o machão, pode ser vista assim: quanto mais eleitores tiverem medo, mais votos serão dados aos republicanos. Trata-se de uma tática simples – e assustadoramente eficaz.” (Carta Capital, edição 315, p.40)

“Mas quem é realmente Bush? Em condições normais, Bush nos faria rir, pelo menos um pouco, como ator B.” (Carta Capital, edição 315, p.40)

“É divertido, por exemplo, ver Bush fantasiado de caubói, naqueles momentos de descontração forçada em que os fotógrafos se regalam: jeans, cinto com fivelona de prata, camisa rancheira de flanela, botonas de

texano. Bush tenta andar daquele jeito arrogante, com as pernas arqueadas, impassível como o caubói impenetrável que acabou de tomar uma cerveja no *saloon* e parte para um duelo com John Wayne, lá no meio da praça. (...) Bush vive num mundo de desenho animado, de *westerns*, de guerras intergalácticas magníficas em que, invariavelmente, vence o mocinho. Fantasia pura. E, nesse mundo estupidamente maniquiesta, Bush é guiado pelo *American Dream*, outra filosofia caduca.” (Carta Capital, edição 315, p.40)

“Ficamos sabendo, via Nicholas Lemann, da revista *New Yorker*, que Bush não caça cervos como todo texano macho. Caça pombas, codornas. Pior: gosta de golfe, espécie de harpa para os texanos. Bush é uma invenção estúpida, uma aberração, um mero caçador de pombos. (...) Por essa e outras, John Kerry para presidente dos Estados Unidos.” (Carta Capital, edição 315, p.40)

Após a vitória de George W. Bush, as matérias não pouparam críticas ao vencedor. Sua ligação com a religião e o conservadorismo de seu governo foram atacados, a suposta fraude nas eleições de 2000 foram citadas repetidamente, a atuação do governo na área econômica foi retratada como falha, e o caos no Iraque (mais de 1000 soldados norte-americanos mortos até a eleição).

“George W. Bush tem credibilidade para seguir sua política messiânica em termos domésticos e globais.” (Carta Capital, edição 316, p.38)

“Muitos entre os donos do poder, inclusive Bush, acreditam que seus país tem uma missão divina. Nesse contexto, Bush estaria fazendo, da Casa Branca, o trabalho de Deus.” (Carta Capital, edição 316, p.40)

“Em 2000, Bush júnior não recebeu um claro mandato popular. Teve menos de meio milhão de votos e foi instalado na Casa Branca por uma decisão da Suprema Corte, que ignorou amplas irregularidades na apuração dos votos na Flórida. Além disso, ainda não se sabia da extensão de sua agressividade, fundamentalista e antidemocrática – muitos analistas acreditavam que júnior, no poder, repetiria a postura relativamente pragmática de seu pai.” (Carta Capital, edição 316, p.44)

“Em outras palavras, o governo Bush júnior está ainda mais decidido a ignorar tudo aquilo que não deseja saber e inventar o que for preciso para justificar suas políticas e sustentar sua visão do mundo, sem importar-se com o risco de alienar aliados dispostos a insistir em um mínimo de bom senso e racionalidade.” (Carta Capital, edição 318, p.43)

3.10 AS ELEIÇÕES IRAQUIANAS

As eleições iraquianas para a Assembléia Nacional ocorreram em 30/01/05 com aproximadamente 60% de comparecimento às urnas, após um intervalo de 50 anos. Os votos eram destinados aos partidos ou coligações, e a maioria xiita saiu vitoriosa.

A Carta Capital publicou uma matéria sobre a eleição, mas questionando sua importância.

“O bom comparecimento às urnas não resolve a maior parte dos problemas.” (Carta Capital, edição 329, p.30)

A revista Veja publicou duas matérias explicando as eleições e elogiando a chegada da democracia no país.

“Duas coisas extraordinárias estão acontecendo no Iraque. Uma é a eleição deste domingo.” (Veja, edição 1891, p.55)

Mas a revista se mostrou muito descrente nas eleições, não pelo caos em que o país se encontrava, e sim pela incapacidade da população de viver em um regime democrático, revelando mais uma vez uma visão orientalista.

“Numa democracia, a maioria governa e a minoria tem seus direitos respeitados. É um conceito que não combina muito bem com o Oriente Médio.” (Veja, edição 1892, p.49)

A verdade é que essas eleições não mudaram muito o destino do país, pois os Estados Unidos continuaram presentes em todas as esferas do poder e enviando cada vez mais tropas.

Conclusão

Os Estados Unidos hoje ocupam um papel central em qualquer discussão internacional. Considerado o império atual, sua liderança e poder (econômico, militar, político, e até cultural) são inquestionáveis. O que pode e deve ser questionado são seus efeitos, quem são os beneficiados e se esta liderança está levando o mundo para um caminho melhor ou pior do que antes. Com certeza, desde o 11/09/2001, o caminho ficou

mais difícil, o medo da população norte-americana de ser atacada novamente foi canalizado, pelo governo e pela mídia que o apóia, para trilhar uma cruzada contra estes terroristas e outros inimigos (como foi o caso de Saddam Hussein). A vitimização passou a fazer parte da população, da mídia e dos discursos do presidente – “por que nos odeiam?”. E foi essa conduta aliada a necessidade de vingança pelos atentados que levou Bush a invadir o Afeganistão e depois o Iraque.

“E, portanto, a América do Norte depois do 11 de setembro – uma lição de realismo como não poderia haver mais clara – e depois do Afeganistão e do Iraque permanece sendo de muitas maneiras não só América a bondosa, mas América a virtuosa, e América a inocente.”⁵³

A primeira invasão foi apoiada pela ONU e outros países, que também estavam imbuídos do sentimento de pena em relação às vítimas, o que levou os EUA a crer que podiam mais. E podiam mesmo, pois invadiram o Iraque mesmo contra as recomendações da ONU e não sofreram nenhum tipo de represália. Bush se reelegeu e as condições no Iraque só pioraram. Apesar do envio de mais tropas, o número de mortes só aumentou. Durante este conflito foram, de março de 2003 até fevereiro de 2007, entre 57 mil e 63 mil civis mortos, segundo o site *Irak Body Count*. Este site mantém uma contagem das mortes desde o início da invasão norte-americana com base nos números divulgados em jornais, revistas e agências de notícias. Devido as diferenças nas informações em alguns meios eles produzem um número mínimo e um número máximo. O projeto *Body Count* iniciou com a Guerra do Afeganistão, como uma tentativa de obter um número de mortos que se aproxime mais da realidade do que os divulgados pelos militares e fontes do governo.

Através da análise das revistas Carta Capital e Veja sobre a invasão norte-americana ao Iraque, pudemos obter duas visões diferentes do mesmo conflito. Para a Carta Capital esta guerra foi totalmente equivocada. O grande responsável por este erro foi o líder do governo norte-americano, e ao ler a revista, temos a impressão de se tratar de um moleque mimado e com pouco discernimento, o Júnior. A cobertura da invasão mostrou claramente a posição da revista em relação ao presidente, seu governo, seu partido, e até mesmo em relação ao papel desempenhado hoje pelos Estados Unidos, uma posição hostil e sarcástica. Na minha opinião, a cobertura da Carta Capital dos fatos ocorridos durante a invasão foi

⁵³ Barber, Benajmin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. P.85.

objetiva e informativa, mas o excesso de ironias e ataques ao presidente Bush compromete a credibilidade da revista, tirando a seriedade do evento que está sendo relatado.

A revista *Veja* evidenciou durante a cobertura um certo preconceito em relação aos iraquianos e aos muçulmanos. Muitas vezes estes grupos foram generalizados e caracterizados como bárbaros e terroristas, trazendo a tona o Orientalismo presente na revista, condenado por Edward Said. Em relação ao governo norte-americano a revista mostrou não ter um posicionamento tão definido quanto a *Carta Capital*, pois apresentou tanto matérias de apoio quanto matérias contrárias ao governo Bush e a invasão.

Acredito que para um veículo de informação semanal, como as revistas estudadas, é mais importante ter uma linha sólida de posicionamento, independente de qual, do que apresentar matérias que se contradizem, muitas vezes dentro da mesma edição. A contradição não é o mesmo que apresentar pontos de vistas diferentes, pois neste caso são pessoas com interesses distintos defendendo claramente sua compreensão de um acontecimento, colaborando para uma informação mais aprofundada e complexa. A contradição traz incoerência de informações, o que confunde mais o leitor e desinforma ao invés de informar.

Assim como os EUA ocupam papel central no cenário internacional, a mídia ocupa um papel fundamental na sociedade atual, principalmente no que diz respeito a formação de opinião dos indivíduos. Vivenciamos muita coisa através dos meios de comunicação, e essa vivência não dá conta de explorar todos os aspectos da experiência real. O fato de acompanharmos os acontecimentos de uma guerra – ataques, bombas, mortes – pela

“Para compensar esta dificuldade em obter informações mais objetivas e mais isentas nesta guerra, deve-se procurar acessar outras fontes. A internet surge como um campo de informações mais abrangente, porque nela circulam desde sites que pregam a guerra e defendem a política norte-americana, até ONGs pacifistas que pregam a não-violência e veiculam artigos contra a guerra, com denúncias de abusos feitos por militares de ambos os lados.”⁵⁴

Por isso a forma como as notícias chegam à população é importante. A posição assumida por cada meio de comunicação ajuda o indivíduo a optar por uma determinada visão. A espetacularização da notícia, a demonização ou deboche dos envolvidos, o preconceito e a parcialidade sem limites não contribuem para a informação, tornam as discussões sem sentido e superficiais, e conseqüentemente, a formação de opinião da população segue o mesmo caminho.

* * *

Saddam Hussein foi capturado, humilhado, julgado por crimes cometidos contra a humanidade e condenado a morte. Durante o julgamento, realizado pelo Tribunal Superior Penal do Iraque, pelo menos três advogados da defesa foram assassinados, mas as audiências continuaram. Independentemente dos atos ditatoriais cometidos por Saddam, será que o Iraque em um momento ainda tão conturbado tinha condições de julgá-lo imparcialmente?

O enforcamento foi marcado para 30/12/06. As autoridades norte-americanas e iraquianas resolveram não divulgar imagens da execução, provavelmente não por considerarem a cena muito forte, mas para não despertar mais ira em seus seguidores. Mas foi pura ingenuidade, ou manipulação, acreditar que ninguém iria ter acesso a estas cenas. Em pouquíssimo tempo circulavam vídeos na internet mostrando a morte do ex-presidente do Iraque por diversos ângulos. As imagens foram gravadas com telefones celulares.

Em março de 2007 completarão quatro anos de invasão norte-americana no Iraque. Os atentados não diminuíram, apesar de Bush enviar tropas constantemente. As mortes aumentam a cada dia, de ambos os lados.

Resta a dúvida de até quando os Estados Unidos vão prosseguir nesta marcha. Será que assim que a situação no Iraque estabilizar um pouco eles irão em busca de um novo

⁵⁴ Chaia, Vera, *A guerra da contra-informação* IN www.observatoriodaimprensa.com.br

inimigo, como aconteceu depois do Afeganistão com Saddam Hussein? Será o Irã? A Coreia do Norte? A Palestina?

“Ter conseguido mudar o regime no Iraque não basta. Pois o objetivo não é simplesmente livrar a região de um tirano brutal, mas trazer o Iraque (e, na verdade, todo o Oriente Médio) para dentro da fronteira americana, através de uma utópica americanização disfarçada de democratização.”⁵⁵

Quantos países terão que sofrer para que os Estados Unidos possa ampliar suas fronteiras e seu mercado? Todas as mortes no Iraque - de norte-americanos, ingleses, iraquianos – não melhoraram a situação do país. Quando será que os cidadãos norte-americanos irão se conscientizar do papel que ocupam no mundo e passar a se preocupar com questões que vão além de seu território?

Enquanto isso não acontece, é importante que a mídia continue exercendo seu papel de comunicadora, informando a população da melhor maneira possível, de forma responsável, para termos uma opinião pública consciente.

⁵⁵ Barber, Benajmin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. P. 88.

Referências bibliográficas

Livros, Teses, Dissertações e Artigos

- AHMAD, Aijaz, *Linhagens do presente*. Ed. Boitempo, São Paulo, 2002.
- ALI, Tariq, *Bush na babilônia*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2003.
- _____, *Confronto de fundamentalismos*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002.
- ANDERSON, Jon Lee, *A queda de Bagdá*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2004.
- ARBEX Jr., José, *Showrnlismo*. Ed. Casa Amarela, São Paulo, 2001.
- _____, *A guerra e o espetáculo da cobertura* IN
www.observatoriodaimprensa.com.br.
- BARBER, Benjamin R., *O império do medo – guerra, terrorismo e democracia*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2005.
- BLIX, Hans, *Desarmando o Iraque*. Ed. Girafa, São Paulo, 2004.
- CHAIA, Vera, *A guerra da contra-informação* IN
www.observatoriodaimprensa.com.br.
- CHAIA, Vera; MIGUEL, Chaia, *Mídia e política*. Ed. EDUC, São Paulo, 2000.
- CHOMSKY, Noam, *11 de setembro*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002.
- _____, *Propaganda e consciência popular*. Ed. USC, Bauru, 2001.
- DARWISH, Adel e ALEXANDER, Gregory, *Guerra do Golfo*. Ed. Europa-América, Portugal, 1991.
- DENAUD, Patrick, *Iraque: a guerra permanente*. Ed. Qualitymark, Rio de Janeiro, 2003.
- FINO, Carlos, *A guerra ao vivo*. Ed. Verbo, São Paulo, 2003.
- FUENTE, Victor Hugo de la (org.), *El imperio contra Irak*. Ed. Aún Creemos en los Sueños, Chile, 2003.
- _____, *El nuevo rostro del mundo*. Ed. Aún Creemos en los Sueños, Chile, 2002.
- _____, *La prensa refleja la realidad*. Ed. Aún Creemos en los Sueños, Chile, 2003.
- GLASSNER, Barry, *Cultura do medo*. Ed. Francis, São Paulo, 2003.
- GOYZUETA, Verônica; OGIER, Thierry, *Guerra e imprensa*. Ed. Summus, São Paulo, 2003.

- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio, *Império*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2002.
- HERSH, Seymour M., *Cadeia de comando*. Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 2004.
- HUNTINGTON, Samuel, *O choque de civilizações e a recomposição da ordem*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1996.
- KELLNER, Douglas, *A cultura da mídia*. Ed. USC, Bauru, 2001.
- KRUGMAN, Paul, *A desintegração americana*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2006.
- MANN, Michael, *O império da incoerência – a natureza do poder americano*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2006.
- MILLER, Judith e MYLROIE, Laurie, *Saddam Hussein e a crise do golfo*. Ed. Scritta, São Paulo, 1990.
- PATERNOSTRO, Vera Íris, *Globonews – 10 anos*. Ed. Globo, São Paulo, 2006.
- PERNIOLA, Mário; GUATTARI, Felix; BAUDRILLARD, Jean, *Guerra virtual, guerra real – reflexão sobre o conflito no Golfo*. Ed. Veja, Portugal, s.d.
- PORTO, Mauro, *A crise de confiança na política e suas instituições: os mídia e a legitimidade na democracia*. Trabalho apresentado na IV Compôs, USP, 1996.
- RAI, Milan, *Iraque: plano de guerra*. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2003.
- SAID, Edward W., *Orientalismo*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.
- SOUTO, Fhoutine Marie Reis, *Eleições norte-americanas 2004: o neoconservadorismo e a cobertura de O Estado de S. Paulo*. Dissertação de Especialização em Jornalismo Internacional pela PUC-SP, 2006.
- SOUZA, Venceslau Alves de, *A defesa incondicional do liberalismo radical em Veja*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pela PUC-SP, 2003.
- THOMPSON, John B., *Ideologia e cultura moderna*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2001.
- _____, *A mídia e a modernidade*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2001.
- WOLF, Mauro, *Teorias da comunicação*. Ed. Presença, Portugal, 1995.
- ZIZEK, Slavoj, *Bem-vindo ao deserto do real!*. Ed. Boitempo, São Paulo, 2003.

Periódicos

Revista Carta Capital, de 01/01/2003 à 31/12/2003

Revista Veja, de 01/01/2003 à 31/12/2003

Internet

www.abril.com.br

www.canaldaimprensa.com.br

www.cartacapital.com.br

www.doxa.iuperj.br

www.google.com.br

www.irakbodycount.org

www.observatoriodaimprensa.com.br

www.veja.com.br

www.whitehouse.com

www.youtube.com

Documentos

The Kuwait information centre in Cairo, *The crime– Iraq's invasion of Kuwait*.

Anexos

Planilha para registro e análise das matérias

INVASÃO AO IRAQUE:

UM ESTUDO DAS COBERTURAS DAS REVISTAS VEJA E CARTA CAPITAL

Nº

REVISTA		DATA	
EDIÇÃO		Nº DE PÁGINAS	
TEMA PRINCIPAL			
MANCHETE			
MATÉRIA ASSINADA			

VALÊNCIA

POSITIVA - EUA/BUSH	
POSITIVA - IRAQUE/SADDAM	
NEGATIVA - EUA/BUSH	
NEGATIVA - IRAQUE/SADDAM	
NEUTRA	

RECURSOS

FOTOS/ILUSTRAÇÕES

SÓ TEXTO		QUANTIDADE	
ENTREVISTAS		POSITIVA - EUA/BUSH	
GRÁFICOS		POSITIVA - IRAQUE/SADDAM	
FOTOS/ILUSTRAÇÕES		NEGATIVA - EUA/BUSH	
DEPOIMENTOS		NEGATIVA - IRAQUE/SADDAM	
QUADROS COMPLEMENTARES		NEUTRA	

RESUMO

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)